

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO

GEIZIMARA DE OLIVEIRA POLITO

ÁGUAS TURVAS:
TERRA E ÁGUA SE CONFUNDEM NO ESPÍRITO SANTO DO TURVO

BAURU - SP

2018

GEIZIMARA DE OLIVEIRA POLITO

ÁGUAS TURVAS:

TERRA E ÁGUA SE CONFUNDEM NO ESPÍRITO SANTO DO TURVO

Relatório de Projeto Experimental apresentado como requisito parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Sottovia Aranha

BAURU - SP

2018

GEIZIMARA DE OLIVEIRA POLITO

ÁGUAS TURVAS:

TERRA E ÁGUA SE CONFUNDEM NO ESPÍRITO SANTO DO TURVO

Relatório de Projeto Experimental apresentado como requisito parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo.

Bauru, ____ / ____ / ____

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Membro da Banca Examinadora

Prof. Juliano Ferreira de Souza

Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Angelo Sottovia Aranha

Orientador e presidente da Banca Examinadora

A todas as pessoas que, de alguma forma,
tiveram sua história entrelaçada com a história
de Espírito Santo do Turvo.

Ao meu pai que, onde estiver, pode ver o que
tanto esperou se concretizar.

A minha mãe, razão da minha existência, que
sempre fez o impossível para que eu chegasse
até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente àquele que sonhou com a minha existência antes de sua concretização, o meu Deus Soberano, que em sua infinita misericórdia traçou meus caminhos e inspirou meus sonhos, ao lado de Maria Santíssima, para que eles coincidissem com os Dele.

Agradeço a minha mãe por ter permitido que eu fosse tudo aquilo que ela não pode ser, por ter moldado o meu caráter me ensinando a ver o valor das pequenas coisas e o que existe escondido na história de cada ser humano. Obrigada por ter me contado histórias desde muito pequenininha e assim ter despertado em mim o desejo de contá-las também. Obrigada por nunca ter me desencorajado, mesmo sabendo o quanto seria difícil a garota de escola pública seguir uma graduação, ironicamente, também pública.

Ao meu pai, que em seu silêncio cotidiano, me ensinava com o seu olhar a persistir e ser forte, mantendo sempre nossos valores em primeiro lugar. Obrigada por segurar minha mão, mesmo que poucas vezes, e assim fazer eu me sentir capaz de alcançar qualquer coisa. Obrigada por ter esperado o máximo que pode para partir, até minha matrícula se concretizar, e mesmo não estando aqui presente, olha por mim de algum lugar com aquele mesmo olhar, me dizendo “eu confio em você”.

Aos meus irmãos, mesmo os mais distantes, que cuidaram de mim como a um de seus filhos, sempre preocupados com meu caminho e com minhas escolhas. Especialmente a Alexandra, por ter sido aquela que me encorajou quando eu não acreditava ser capaz nem de sair do lugar, e ao Luiz, por ter sido decisivo na escolha desse curso, ao me mostrar que é possível ser feliz como comunicador. Aos meus sobrinhos, presentes amados desses irmãos, especialmente a Jennifer, razão do meu sorriso em dias sombrios. Ao meu noivo, por sua presença carinhosa, companheirismo e apoio incondicional, sendo indispensável nessa caminhada, desde o primeiro dia da graduação até agora, sempre me ensinando a contornar as dificuldades e a ser alguém melhor.

Aos meus amigos, aqueles de infância que sonharam comigo o momento em que este dia chegaria, e aos mais recentes por torcerem por mim e ouvirem todas as minhas reclamações e, mesmo assim, me encorajarem a continuar. De forma especial, agradeço à Carol, o melhor presente que a Unesp me deu, aquela que me acompanhou desde o primeiro ano da faculdade com sua sensibilidade e carinho, me ensinando muito, simplesmente com seu jeito de ser.

Aos meus professores, que eu poderia citar um por um, pois trago-os de maneira muito viva na memória, desde a doce Tia Elizandra da Pré-Escola, passando pela maravilhosa Professora Sandra do ensino médio, até os fabulosos mestres da graduação, por me ensinarem muito mais do que teorias, mas o verdadeiro valor do conhecimento. Desejo ser um dia como vocês. De modo especial, agradeço, ao meu orientador Angelo Sottovia Aranha, pela sua sabedoria e paciência, ao não apenas orientar um trabalho, mas tratar com sensibilidade cada situação encontrada.

A todos que ajudaram a tornar esse livro possível, especialmente meus colegas de trabalho na Câmara Municipal, que formam minha segunda família, e que se alegraram e choraram junto comigo a cada derrota e conquista ao longo desses anos.

E, enfim, um obrigado cheio de satisfação àqueles que foram entrevistados formalmente, que foram as fontes de informações para a fundamentação do conteúdo desse livro-reportagem, e também àqueles que responderam às minhas entrevistas informais ao longo dos anos, despertando o meu interesse pela nossa amada cidade e informando muito do que foi registrado no livro. Ao Wagner Guicho, Daniel Negrini, Rosangela Melo, Joaquim José Gonçalves da Silva, Valneci Bertolino, Rosilvia Miranda, Sérgio Fleury e Luiz Polito pelas consideráveis contribuições, sem as quais esse livro não se tornaria possível.

“Muitos receptores têm prazer em descobrir, através da leitura, o passado real, não necessariamente apenas o passado tratado ficcionalmente. Mas querem ao lado da segurança da veracidade – que o jornalismo pode atender tanto quanto possível, através da documentação –, encontrar a vida palpitante nos episódios históricos. [...] Em síntese, querem um texto que pareça ficção – pelo lúdico que oferece, pela fruição que proporciona –, mas que seja real.”

Edvaldo Pereira Lima

RESUMO

O presente trabalho consiste em um livro-reportagem que conta a história do município de Espírito Santo do Turvo a partir da perspectiva do desenvolvimento de suas atividades econômicas, desde o desbravamento de suas terras pelos bandeirantes, passando pela sua recente emancipação política e até o final de 2017, já que os fatores responsáveis pela permanência de moradores na região foram os ciclos de produção agrícola e pecuária. Porém, os registros dessa história são escassos e com isso nasce o desejo de apresentar às gerações futuras e à comunidade acadêmica essa pequena cidade do interior paulista construída, sobretudo, a partir do trabalho de descendentes dos primeiros moradores e dos migrantes que ali encontraram a estabilidade que estavam à procura.

Palavras-chave: livro-reportagem; história; turvo; agricultura

ABSTRACT

The present work consists of a reportage book that tells a story of the city of Espírito Santo do Turvo, from the perspective of the development of its economic activities, since the deforestation of its lands by bandeirantes, through its recent political emancipation and until the end of 2017, as the cycles of agricultural and livestock production are mainly responsible for permanence of residents in this region. However, the records of this history are few and, thus emerge the desire of present for the future generations and the academic community this small city of the interior of São Paulo, built mainly, from the work of the descendants of the first residents and of the migrants who found the stability they were looking for.

Key words: book; reportage; history; city; agricultural; turvo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1. 1 Justificativas.....	13
1. 2 Objetivos.....	13
1.2.1 Objetivo geral.....	13
1.2.2 Objetivos específicos.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Livro-reportagem.....	15
2.2 Entrevista.....	16
3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	18
3.1 Fontes e entrevistados.....	18
3.2 Documentação.....	20
3.3 Fotografia.....	20
3.4 Equipamentos utilizados.....	21
3.5 Atividades desenvolvidas.....	21
4 O PRODUTO JORNALÍSTICO.....	25
4.1 Público-alvo.....	25
4.2 Descrição do produto.....	25
4.3 Projeto gráfico-editorial.....	25
5 COMENTÁRIOS.....	28
5.1 Dificuldades encontradas.....	28
5.2 Considerações finais.....	28
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O presente livro-reportagem é consequência do anseio de registrar a história da pequena Espírito Santo do Turvo, devido aos poucos registros históricos disponíveis à população. Diante de suas principais atividades econômicas, a agropecuária e a agricultura familiar, a história foi contada a partir do desenvolvimento dessas atividades ao longo dos anos no município. Para tanto, o formato escolhido foi o de livro-reportagem devido às suas características elementares, que permitem maior liberdade na forma de narrar e o aprofundamento da apuração jornalística, uma vez que registrar, de maneira atraente, a história de um município pequeno do interior paulista não combina com as narrativas mais “duras” características das matérias das pautas quentes e de aspecto mercadológico do jornalismo diário. Além disso, com a ascensão dos meios de comunicação *on-line*, faz-se necessário o registro de maneira atemporal, de forma que esse registro se dê de forma mais concreta. Assim, o livro estará acessível nas escolas, para pesquisas dos estudantes, e para as futuras gerações, para que conheçam parte da história da formação e do desenvolvimento do município, o que evitará que informações históricas se percam ao longo dos anos. Pelo menos, essa é a intenção.

A cidade foi emancipada recentemente, conforme a Lei Estadual nº 6.645, de 9 de janeiro de 1990, e localiza-se a cerca de 50 km de Bauru, no interior do estado de São Paulo, com uma população de aproximadamente 4.200 (quatro mil e duzentos) pessoas, segundo o censo realizado pelo IBGE em 2010.

Sua história faz-se conhecer por meios ainda bastante restritos. As informações existentes são resultantes de relatos dos moradores, há apenas alguns documentos oficiais e jornais regionais e municipais. Em relação à história do município, a Câmara Municipal guarda um álbum de fotografias, jornais e o livro *Espírito Santo do Turvo: sua história e seus filhos ancestrais*, escrito por um morador da cidade, José Joaquim Gonçalves de Melo, com base nos relatos de seus familiares. Na Câmara também há documentos oficiais, como a legislação municipal e as atas das sessões parlamentares desde a emancipação do município. Já na Prefeitura Municipal há apenas uma galeria de ex-prefeitos com fotografias dos cinco prefeitos que passaram pela cidade desde a primeira eleição (1993), além de documentos oficiais arquivados.

Celso Prado, historiador e pesquisador, é morador de Santa Cruz do Rio Pardo, uma cidade vizinha, e um dos poucos historiadores que menciona em suas pesquisas o início do

desbravamento da região de Espírito Santo do Turvo.

Espírito Santo do Turvo começou a ser desbravado a partir de 1851, com a presença inaugural dos mineiros, alguns integrantes do bando de José Theodoro de Souza, e outros adquiridores de terras a seguir, para o início do processo civilizacional. [...] Em 1853 Manoel Antonio Pereira de Lima e sua mulher Francisca Aurea da Silva doaram trinta alqueires de terras para o patrimônio do Divino Espírito Santo, para a formação da localidade de Espírito Santo do Turvo (Curia Diocesana de Ourinhos, Documentos para Espírito Santo do Turvo, CD: A/A), com escritura de doação lavrada aos 09 de dezembro de 1873, em Livro 7 fls 100 e 8 folha 1, do Tabelião de São Domingos, na residência de João Baptista de Almeida (Certidão expedida pelo Cartório de Registro Civil e Anexos de Santa Bárbara do Rio Pardo, aos 14 de junho de 1960, apud Cúria Diocesana de Ourinhos). Documentos eclesiais confirmam a doação (Edital de Patrimônio, de 04/08/1874 certificado pelo Padre Francisco José Seródio, aos 12 de março de 1875, apud Cúria Diocesana de Ourinhos). Manoel Antonio Pereira de Lima, por cabeça do casal, ratificou sua doação patrimonial ao Juízo Municipal de Lençóis Paulista, aos 12 de novembro de 1874 (Acervo da Cúria Diocesana de Ourinhos). (PRADO; SATO, 2006)

Analisando-se os relatos existentes, pode-se notar que a produção agropecuária é um dos fatores que impulsionam a economia local desde o início da história desse município. No entroncamento das rotas dos bandeirantes e marginalizado pela antiga Estrada de Ferro Sorocabana, o município foi terra em que grandes fazendeiros apostaram pensando em crescimento. Sua história remonta o século passado, mas, desde então, quem a compôs foram os produtores agrícolas, que apesar de serem conhecidos como desbravadores, já encontraram os indígenas habitando a região. Sendo região de grandes propriedades, sempre foi alvo de brigas entre seus donos, desavenças que refletiram e refletem até hoje na política local. Desenvolveram-se, ao longo dos anos, diversos tipos de culturas, entre elas as de café, soja, trigo, algodão e milho, e o município foi referência regional pela produção de açúcar, álcool e melancia, além de ter passado a integrar, recentemente, parte do circuito paulista de produção de laranjas. Como consequência, o município recebe anualmente cerca de 1000 moradores sazonais para trabalharem na colheita da laranja, vindos a maioria do Norte do país. Além disso, com seus 25 anos de emancipação política completados recentemente, a cidade está sendo beneficiada pela duplicação da rodovia que dá acesso à cidade, a SP 225, o que simboliza um marco para os moradores.

Para a redação e edição do livro *Águas Turvas* foi planejada uma narrativa com base nas técnicas de produção jornalísticas, como entrevistas, apurações e redação, numa tentativa de conseguir compartilhar com os moradores de toda a região, de forma acessível, a história do município.

1.1 Justificativas

Justifica-se o presente livro-reportagem por haver poucos registros históricos do município de Espírito Santo do Turvo acessíveis à população. Os poucos materiais impressos que contêm informações acerca da formação do município estão espalhados, nas residências de vários moradores, como os documentos e jornais, já que na cidade não existe um memorial, um museu, ou livro específico que possa agrupar todas essas informações. Pretende-se, então, facilitar o acesso a informações importantes da história a estudantes e moradores da cidade. O livro estará disponível em sua versão impressa na Biblioteca Municipal. Afinal, produtos impressos são mais duráveis e tornam-se importantes meios de pesquisa para as gerações futuras.

Além disso, escolheu-se o livro-reportagem como formato jornalístico para esse produto pela liberdade que tem o repórter no processo de produção. Conforme afirma Lima (2009), uma vez livre de grande parte das pressões técnicas e morais que caracterizam a rotina do seu trabalho, o jornalista potencializa suas competências. Assim, é possível compor uma narrativa envolvente, de forma que a reportagem não se torne um livro clássico de História e nem uma narração literária.

Sobretudo, é papel do jornalista lançar seu olhar atento sobre realidades ainda não expressas e apontar fatos ainda desconhecidos para alguns grupos da sociedade. Dessa forma, pretende-se que esse livro-reportagem contribua diretamente para uma melhor compreensão do desenvolvimento do nosso país, pois também é papel do jornalista compartilhar informações capazes de ampliar os conhecimentos do público leitor.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Produzir e editar um livro-reportagem sobre a história de Espírito Santo do Turvo a partir de sua produção agrícola/agropecuária e seus desdobramentos.

1.2.2 Objetivos específicos

- Ler e fichar os documentos históricos da cidade e da região;

- Realizar entrevistas tête-à-tête com os moradores mais antigos e seus familiares;
- Exercitar a apuração jornalística ao cruzar informações dadas pelas fontes, a partir da história oral composta a partir de suas observações;
- Executar pesquisas jornalísticas para apresentar o desenvolvimento econômico e o crescimento da cidade;
- Utilizar o jornalismo narrativo/interpretativo ao redigir a história.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Livro-reportagem

Para retratar a história da cidade de Espírito Santo do Turvo optou-se pela grande reportagem veiculada por meio de um livro. Primeiramente, devido ao seu caráter de grande reportagem que permite uma escrita mais elaborada e livre da periodicidade dos veículos tradicionais de imprensa, como os jornais diários e revistas semanais, que se preocupam com fatos de urgência e interesse público imediato. Por isso, o livro-reportagem permite um maior aprofundamento em temas que os veículos periódicos tratam de maneira mais superficial, conforme aponta Lima:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos. (LIMA, 2009, p. 26)

Outro aspecto importante na escolha desse formato refere-se à possibilidade de sua utilização como fonte de pesquisa ao longo dos anos, devido ao seu caráter atemporal. Assim, o livro-reportagem torna-se um elemento auxiliar para a compreensão da realidade e para a reflexão a partir de elementos históricos, pois permite um prolongamento dos acontecimentos ao longo do tempo. E isso aumenta sua durabilidade, conforme aponta Lima:

Assim, o jornalismo voltado para o efêmero transcende-se no livro-reportagem, quando este leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando no passado suas raízes mais importantes, escondidas. Não se confunde com o trabalho da história, porque seu veio central é a contemporaneidade, mergulhando no passado apenas para compreender com maior elasticidade as causas dos conflitos presentes originados no tempo que já fluiu, em duração curta, breve ou longa, E tampouco se confunde com a história porque, ao contrário desta, pode o livro-reportagem escapar do passado, embora mergulhe nele, focalizar o presente, mas também avançar ao futuro, antecipando a continuidade do atual, mediante seus desdobramentos, no que virá a ser. Tudo para ampliar o foco de compreensão do contemporâneo. (LIMA, 2009, p.7)

Dessa forma, um livro-reportagem sobre a história de Espírito Santo do Turvo permitirá uma abordagem intensa sobre o contexto em que se desenvolveram as atividades econômicas, bem como a apresentação de suas causas, efeitos, desdobramentos, repercussões e como esses fatores possibilitaram o desenvolvimento do município. A intenção foi registrar tudo isso de maneira atraente e não meramente historiográfica, de uma forma que a descoberta

do passado, bem como suas implicações no presente, fosse uma atividade prazerosa. Nesse sentido, a historiografia tradicional deixa um vazio para os leitores que gostam de compreender através da leitura, a existência de um passado real:

Mas querem, ao lado da segurança da veracidade – que o jornalismo pode atender tanto quanto possível, através da documentação –, encontrar a vida palpitante nos episódios históricos, identificar os atores dos acontecimentos na sua dimensão nem mais nem menos humana, querem ser informados das decisões fundamentais de bastidores, mas desejam também encontrar o reflexo dessas decisões nas personagens à periferia dos gabinetes. (LIMA, 2009, p. 284)

Além disso, diante das poucas informações oficiais sobre a história de Espírito Santo do Turvo, para que alguém que esteja interessado, possa conhecer o passado do município, faz-se necessário realizar um levantamento dos dados existentes. Nesse sentido, o livro-reportagem pretende facilitar este trabalho, pois permite um “auxílio à fundamentação do tema de que trata a reportagem, sobretudo na matéria de profundidade e em especial a que focaliza mais a *situação* e a *questão* (como é o caso deste livro), do que o *fato* ou o acontecimento isolado” (LIMA, 2009).

2.2 Entrevista

Na expectativa de compreensão e como parte da busca pelo aprofundamento, a realização de entrevistas durante o processo de captação em um livro-reportagem permite uma maior aproximação entre o entrevistador e o entrevistado, conforme aponta Lima:

Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre o entrevistador e o entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel de multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali, espontaneamente, perfeito. Nessas ocasiões, o jornalista-escritor atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor. (LIMA, 2009, p. 107)

No livro *Águas Turvas*, as diferentes entrevistas foram dispostas ao longo das páginas, na maioria das vezes, como elementos de comprovação do tema que está sendo discutido. Além disso, elas podem ser facilmente classificadas de maneira geral sob a forma do subgênero “histórias de vida”, discutido por Edvaldo Pereira Lima (2009), “de forma a realçar o aspecto *humanização* que se procura em quase todas as reportagens em profundidade”

(LIMA, 2009, p. 115). Nesse sentido, o método conhecido como “história oral” foi utilizado para que as diferentes experiências dos moradores pudessem ser justapostas e assim, na ausência de outro tipo de documentação, pudesse ser traçada uma narrativa. Conforme aponta Thompson (1998, p. 25), “um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista”.

"História oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade [...] 'Dentro do quadro amplo da história oral, a "história de vida" constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente. (QUEIROZ, 1991, p. 5-6 *apud* MAIA, 2006, p. 141)

Assim, utilizou-se técnicas de entrevistas expostas por Paul Thompson (1998), que propõe não serem feitas perguntas complexas e de duplo sentido, mas sim perguntas cautelosas ou indiretas “previamente elaboradas e que demonstrem segurança” (THOMPSON, 1998, p. 260), visando obter o maior número de informações com a maior qualidade possível, uma vez que se procurou reproduzir a história, não apenas de uma cidade, mas de um povo, por meio dos relatos de moradores e figuras importantes que tornaram possível o acesso a informações que não são públicas, mas fazem parte do repertório pessoal do entrevistado, o que possibilitou uma visão mais ampla do passado.

3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

3.1 Fontes e entrevistados

O livro inclui 17 entrevistas no total, realizadas de maneira formal e informal, com antigos moradores da cidade, fazendeiros, produtores rurais, membros de famílias tradicionais, funcionários de antigas companhias e outras pessoas que se mostraram relevantes, ou seja, que viveram as consequências de uma determinada ação, por exemplo, ou que as vivenciaram. A média de duração de cada entrevista formal foi de cerca 2 horas, porém, ao longo das entrevistas em si sempre havia conversas informais com outras pessoas que, impulsionadas por algum motivo, ou questionadas de maneira específica, se disponibilizaram a contar suas histórias no município. As entrevistas formais foram realizadas aos finais de semana, devido à escassez de tempo da autora, e foram gravadas com o gravador de áudio de um *smartphone*, já as conversas e entrevistas informais não foram gravadas, tiveram somente seus pontos importantes anotados. Essas conversas mais informais foram muito importantes a acontecerem a todo momento durante todo o processo de produção, já que a autora é funcionária da Câmara Municipal e tinha a oportunidade de estar em contato com diferentes pessoas ao longo do tempo. Ao longo de cada entrevista foram solicitadas fotos antigas ou que registraram algum momento específico mencionado.

Seguindo o cronograma inicialmente proposto, designando os meses de setembro e outubro para a realização das entrevistas, a primeira entrevista foi realizada no dia 8 de setembro de 2017, com a Sra. Antonia Nascimento Bertolino. A visita foi combinada por meio de um telefonema e a autora foi recebida na casa da entrevistada que, juntamente com seu marido, respondeu prontamente as questões que lhe foram feitas. Porém, a autora pode observar que o casal demonstrou bastante cuidado, ou insegurança, ao citar fatos relativos às suas propriedades, evitando fazer descrições exatas, citar nomes e mostrar fotografias, o que talvez se justifique porque Nelson Nascimento, o esposo de Antonia, é descendente direto dos primeiros posseiros de terras da região. Isso pode tê-los deixado receosos, com medo de divulgar fatos relativos às terras que até hoje geram conflitos. Portanto, foi necessário enfatizar várias vezes que o objetivo desse livro-reportagem era apenas contar a história da cidade e mostrar seus pontos positivos. Além disso, a idade já avançada do Sr. Nelson não permitiu que a entrevista ultrapassasse 2 horas de duração. Ao final, o entrevistado já começava a demonstrar sinais de cansaço, bocejando, dando respostas evasivas e se

levantando com frequência.

No dia seguinte, 9 de setembro, foi realizada entrevista com a Senhora Necilda Negrão, também agendada previamente via telefone, em sua casa. Devido a sua idade avançada, a entrevista durou 1 hora e 30 minutos, porém foi bastante proveitosa. Necilda fazia questão de descrever situações, nomear pessoas e contar lembranças específicas que tinha sobre a cidade. Porém, ao ser questionada sobre as fotografias que guarda, disse que tinha pouquíssimas devido às dificuldades financeiras da época, e que as poucas que restaram seus filhos levaram embora.

No final de semana seguinte, 16 de setembro, foi realizada uma terceira entrevista formal, com a senhora Teresa Nascimento, também em sua casa. A visita foi agendada previamente por telefone e a entrevistada demonstrou grande interesse em contar suas lembranças, ultrapassando as 2 horas de duração, inclusive relatando com detalhes o assassinato do marido, em um crime que chocou a cidade.

No dia 23 de setembro foi realizada mais uma entrevista formal, também agendada via telefone, com a senhora Joselina Pereira Lima, em sua própria casa. A entrevistada contou bastante detalhes sobre o período em que a cidade foi distrito e respondeu prontamente todas as questões propostas sempre com muitos detalhes e descrições, porém, disse que não possuía fotografias porque custavam muito caro e ela enfrentava dificuldades financeiras na época.

Já no dia 30 de setembro, foi agendada mais uma entrevista formal, via telefone, com a senhora Delourdes Scarpin Bertolino, em sua casa. Delourdes teve bastante dificuldade para se lembrar de nomes, datas e descrições mais detalhadas, porém respondeu prontamente as questões propostas e mostrou as fotografias que tinha em casa.

De maneira geral, as demais entrevistas seguiram o mesmo esquema, com exceção das conversas informais, como as que a autora manteve com os funcionários da Câmara Municipal e da Prefeitura Municipal, com os jornalistas Sérgio Fleury e Daniel Negrini, com o escritor José Joaquim Gonçalves, com os ex-veredores Wagner Guicho e Valneci Betolino e com a professora Mara Porto, entre outros que, por serem mais jovens, tinham lembranças claras da emancipação do distrito e do início do município. Sempre, ao serem questionados sobre alguma questão específica, discorriam sobre suas lembranças. Outra fonte foi o Sr. Ivo Fonsaca, que foi sub-prefeito do distrito e que, devido à distância entre a sua casa e a cidade, não pode ser entrevistado formalmente. Mas, como jornalista também precisa ter sorte, a autora encontrou-se com ele no açougue da cidade, num encontro mais do que imprevisto, e

foi possível conseguir várias informações importantes com ele. Da mesma forma, o Sr. Antonio Quirino, nome importante como personagem do processo de emancipação da cidade, aceitou conversar um pouco por telefone e, depois no dia 21 de dezembro, procurou a autora para uma entrevista formal. A entrevista durou 1 hora e 30 minutos e o entrevistado, contou muitos detalhes sobre as reuniões da Associação de Amigos de Espírito Santo do Turvo e sobre o processo de emancipação do município.

As perguntas feitas durante as entrevistas foram previamente preparadas, tomando sempre o cuidado de evitar questões complexas, muitas vezes sugerindo alguma afirmação visando alcançar a confirmação ou negação por parte do entrevistado e fixando os acontecimentos de acordo com as lembranças do entrevistado, como as situações ocorridas por ocasião de seu casamento, no nascimento dos filhos ou na morte de seus pais. Os entrevistados foram inicialmente questionados com algumas questões padrão, relacionadas à vida de cada um, apenas para nortear a entrevista e, em seguida, as entrevistas e conversas se diferenciavam à medida que as lembranças eram despertadas e a conversa era conduzida às situações de trabalho e às situações relacionadas à agricultura, atividade escolhida para ser o foco narrativo do livro-reportagem.

3.2 Documentação

O processo de documentação foi realizado de maneira simultânea às entrevistas. Os documentos como livros-ata, ofícios, recibos e fotografias foram conseguidos à medida que as conversas informais foram acontecendo. Só assim foi possível descobrir pessoas que guardaram, em suas próprias casas, documentos referentes à emancipação da cidade e jornais da época. Esses documentos foram levados para a casa da autora e analisados um por um, antes de serem fotografados, conforme se percebia que as informações mostravam-se pertinentes para a fundamentação da reportagem.

3.3 Fotografia

O recurso da fotografia foi utilizado para validar as ideias defendidas ao longo do texto. Foram encontradas muitas dificuldades para a captação de imagens jornalísticas, pois o equipamento utilizado era emprestado e o tempo que a autora tinha para a apuração, conforme já foi mencionado, era escasso. Contudo, o recurso da fotografia foi utilizado para registrar os

documentos analisados, que não estão arquivados em nenhuma outra plataforma, podendo assim tornar esse livro-reportagem o único suporte onde serão armazenadas tais imagens de maneira mais duradoura. O mesmo aconteceu com os jornais, que estando apenas nos acervos dos veículos de comunicação e nos arquivos pessoais de algumas autoridades são de difícil acesso, mas agora estarão disponíveis por tempo indeterminado aos leitores do livro.

Ainda assim, no dia 19 de dezembro foram realizadas algumas fotografias pela autora, como os registros das imagens do pé-de-manga, que permanece na entrada do município, da antiga “rua do comércio”, rua de onde partiu o desenvolvimento do município e da placa comemorativa da data de fundação do bairro Jardim Canaã. Outras fotografias foram retiradas da página “Acervo Esturvo”, disponível no Facebook e destinada ao compartilhamento de fotografias entre os moradores da cidade.

3.4 Equipamentos utilizados

Foram utilizados equipamentos de posse da autora, entre eles: um celular Samsung J3 e um Notebook Samsung i7, além de uma câmera semi-profissional Canon T5i, que foi tomada por empréstimo de um amigo próximo da autora.

3.5 Atividades desenvolvidas

A temática que acabou norteando este trabalho despertou a atenção da autora há muito tempo, quando ainda cursava o Ensino Médio. O interesse pela história da cidade já existia devido às muitas lendas e histórias que ouvia e, ao procurar informações sobre vários assuntos percebeu que simplesmente não existiam quaisquer informações. Ou, como pode perceber agora, elas existiam, porém não eram de fácil acesso. Assim, o objeto e o formato desse trabalho foram definidos ainda durante a disciplina de Planejamento em Comunicação, em Agosto de 2017, e a partir daí começaram as pesquisas e leituras de livros e textos que pudessem oferecer contribuições para a produção do livro-reportagem. O formato de livro-reportagem foi escolhido por oferecer a oportunidade de reunir em um mesmo suporte informações acerca da cidade não de maneira histórica, nem da maneira com que as informações foram dadas em jornais antigos, mas de uma forma que o leitor pudesse sentir-se atraído pela leitura e para propor reflexões sobre os acontecimentos que concorreram para que Espírito Santo do Turvo tenha as características que tem hoje.

Assim, foram realizadas duas reuniões iniciais com o orientador Angelo Sottovia Aranha, nos dias 21 e 28 de julho de 2017, quando se percebeu que seria necessário definir o caminho a ser tomado para contar a história do município. Depois disso, a autora pesquisou e chegou-se à conclusão de que poderia ser interessante traçar a história a partir do desenvolvimento das atividades econômicas do município, que são predominantemente agrícolas, e que a essa narrativa somar-se-iam as situações sociais e políticas do município. Em seguida, houve a elaboração do Pré-Projeto, quando a coleta de informações foi feita inicialmente pela internet mas, mostrou-se bastante satisfatória, já que foram conhecidos os dados coletados pelo historiador Celso Prado e que nortearam a busca das informações conseguidas posteriormente.

A partir daí, foi realizada outra reunião com o orientador, no dia 27 de setembro, na qual ficou decidido que o projeto utilizaria como base teórica o livro *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, de Edvaldo Pereira Lima (2009), além de bibliografia relativa à História Oral, que deveria ser escolhida após consulta a um professor de História. A autora conversou por e-mail com o professor Célio Losnak e o livro escolhido foi *A voz do passado - História Oral*, de Paul Thompson (1998). Além disso, foram feitas algumas observações acerca das imagens que deveriam ser coletadas para documentar a reportagem.

Foi criada uma pasta no Google Drive para que todas as informações relativas ao livro-reportagem fossem arquivadas juntas, de forma que todo o conteúdo do projeto ficasse facilmente acessível em qualquer dispositivo. Assim, foi criado um arquivo nomeado como Diário, em que todas as ações e seus detalhes eram adicionadas à medida que iam acontecendo, para que as atividades desenvolvidas tivessem um registro sólido. Foi também criado um arquivo denominado Roteiro, em que todas as possíveis fontes, juntamente, com suas informações iniciais e contatos, foram adicionadas, de modo a organizar o processo de produção do livro-reportagem. Outro arquivo criado foi denominado de Informações Adicionais, no qual foram reunidos todos os dados coletados conforme as conversas informais e pesquisas iam acontecendo. Além disso, uma pasta denominada Imagens foi criada para adicionar as fotos sempre que houvesse captação de imagens.

A partir do momento em que foram iniciadas as atividades para a elaboração do livro-reportagem, “tudo” se tornou oportunidade para conseguir mais informações acerca do município. Uma conversa no ponto de ônibus, um senhor sentado no banco da praça, pessoas

na fila do açougue e na sala de recepção da Câmara Municipal são apenas alguns exemplos das situações que me apresentaram novas fontes de informações para fundamentar a reportagem. Outrossim, o fato da autora trabalhar na Câmara Municipal permitiu maior contato com a documentação oficial e com o processo de elaboração da legislação municipal, além da possibilidade de trocas de informações constantes com a primeira funcionária do município. E, ainda, durante a realização das entrevistas, houve momentos em que chegaram outros moradores das casas dos entrevistados e também começaram a compartilhar informações.

Assim, entre setembro e outubro de 2017 foram realizadas quase todas as entrevistas formais, mas até o término da redação da reportagem novas informações iam sendo encontradas e incluídas, na medida do possível, a partir das conversas e pesquisas realizadas. Segundo o cronograma proposto inicialmente, em novembro deveria ser feita a redação do livro, porém houve atrasos no agendamento de entrevistas devido à indisponibilidade de alguns dos entrevistados, e também dificuldade para a localização da documentação existente. Dessa forma, a redação do livro-reportagem iniciou-se mesmo antes de encerrar-se as entrevistas e a apuração foi feita à medida que as entrevistas iam sendo realizadas e as informações coletadas.

Durante os meses de outubro e novembro foram realizadas simultaneamente as entrevistas restantes e as pesquisas necessárias relativas aos ciclos de produção agrícola no Brasil, realizadas em sua maioria via internet. No dia 30 de outubro, o ex-vereador Wagner Antonio Guicho informou que havia em sua casa documentos relativos à Associação de Amigos de Espírito Santo do Turvo e à emancipação da cidade, e se dispôs a deixar o material à disposição para pesquisa. No dia seguinte, o material existente foi levado até a casa da autora, para análise e registro da documentação.

Ao longo do tempo dedicado às entrevistas, duas das fontes que seriam entrevistadas faleceram. O Sr. Mitsuan Sasaki e o Sr. Clarindo Ferreira Bueno, o primeiro havia sido presidente da Câmara Municipal e em respeito ao período de luto das famílias nem mesmo seus parentes puderam ser entrevistados.

Com o atraso do cronograma, no dia 14 de dezembro foi realizada mais uma reunião com o orientador, que encorajou a autora a se esforçar para dar conta de concluir o projeto, apesar do atraso na realização das entrevistas. Até então, a primeira parte do livro já estava pronta. Decidiu-se, então, entregar para a banca apenas a versão do livro em pdf, para que os

avaliadores pudessem dar suas sugestões e a impressão final, que custa caro quando são impressos poucos volumes, fosse feita já com as correções propostas pela banca avaliadora. Decidiu-se também que o livro iria conter duas colunas em algumas páginas, diante da necessidade de explicação de alguns conceitos. Além disso, essa diagramação em duas colunas, sempre que fosse necessário um “olho” explicativo, deixaria mais dinâmica a diagramação.

No dia 19 de dezembro, a ficha de dados atestando a validade do trabalho para a apresentação à banca foi protocolada. Porém, as atividades de pesquisa, apuração e escrita do livro-reportagem continuavam a todo vapor. Nesse período, a autora já tinha um esboço do projeto gráfico-editorial do livro, feito por ela mesma, e aguardava apenas o término das correções para finalizá-lo.

No dia 21 de dezembro, o Sr. Antonio Quirino, que inicialmente havia sido contatado por telefone e prometido uma entrevista formal, procurou a autora para a entrevista, que foi realizada no mesmo dia. No dia 23 de dezembro, concluiu-se a redação do livro-reportagem e passou-se às etapas de edição e revisão. Enquanto isso, de 26 de dezembro de 2017 a 3 de janeiro de 2018 finalizou-se a edição do projeto-gráfico editorial e a edição das fotografias, com o auxílio do publicitário Luiz Carlos Polito, irmão da autora.

O objetivo era concluir o livro-reportagem no dia 22 de dezembro, porém diante dos contratempos encontrados pela autora, do atraso na marcação das entrevistas e da necessidade de checagem das novas informações que eram encontradas a cada dia, tornou-se inviável a aplicação do cronograma previamente proposto. Diante de todo o contexto, a correção final foi feita pelo orientador Angelo (via e-mail) e a entrega do livro-reportagem e do relatório final foram feitas no dia 8 de janeiro de 2017.

4 O PRODUTO JORNALÍSTICO

4.1 Público-alvo

Esse livro-reportagem será destinado de modo especial aos moradores de Espírito Santo do Turvo, porém destina-se também à comunidade científica e a todos os interessados em conhecer a história do município, não importando sua faixa etária, uma vez que se objetiva contar a história do município de maneira cativante e envolvente.

4.2 Descrição do produto

O livro seguirá o formato impresso, em tamanho 14x21cm e 105 páginas. Seu conteúdo está dividido em três capítulos, sendo eles: “A freguesia”, “O distrito” e o “O município”, além da apresentação e da conclusão, intituladas respectivamente: “Turvo, mas no bom sentido!” e “No vaguear do Turvo”.

Os capítulos são denominados de acordo com as três situações administrativas pelas quais passou o município, sendo o objetivo em cada capítulo descrever como foi cada fase, sempre a partir do desenvolvimento das atividades agrícola e agropecuária ao longo dos anos. Já a apresentação busca introduzir o leitor na ideia central do livro, que é a formação e o desenvolvimento da cidade, a partir da fertilidade que a proximidade com o rio Turvo propiciou ao solo das grandes propriedades rurais da região. E a conclusão procura deixar ao leitor a impressão de que a cidade continuará seus dias, aparentemente, seguindo as mesmas condições que foram marcantes nos primeiros dias do povoado.

Os capítulos são introduzidos por citações retiradas das entrevistas realizadas. O objetivo é apresentar as características que a cidade teve durante aquela fase descrita naquele capítulo.

4.3 Projeto gráfico-editorial

No planejamento gráfico do livro “Águas Turvas”, visando firmar a identidade visual e criar unidade ao longo do projeto, foi pensado em um logotipo – as ondas, colocadas ao redor dos títulos – que fosse utilizado na capa e ao longo de todas as páginas do livro, nas indicações dos capítulos, dialogando com a temática proposta pelo livro, de que a cidade

“emergiu” das águas de um rio.

Optou-se por deixar as imagens em suas cores originais, ora preto e branco, ora sépia e ora coloridas, para que fosse possível perceber a passagem do tempo ao longo das páginas, já que as imagens em preto e branco são antigas e as coloridas são atuais.

Ao final de cada capítulo e início do seguinte, insere-se um espaço em branco, visando demarcar de maneira efetiva o início do capítulo seguinte e “ventilar” a leitura. Da mesma forma, o título de cada capítulo está centralizado em uma página em branco, entre as ondas do logotipo, reforçando a identidade visual e destacando o início do capítulo. O começo do texto está sempre na página ímpar seguinte, antecedido por uma frase dita pelos entrevistados, com recuo à direita, o que também concorre para que se tenha uma sensação de “respiro” na página. As frases estão escritas com a fonte *Garamond*, em itálico, tamanho 11, para que se destaquem do texto do capítulo.

A disposição das fotografias foi realizada de maneira razoavelmente padronizada, exceto pelas imagens que precisaram ser maiores para preservarem a qualidade das informações. Dessa forma, remetem a um álbum de fotografias, reforçando assim a ideia de lembranças e memórias também proposta pelo livro. Além disso, as fotografias estão dispostas de forma a deixar a leitura mais leve e dinâmica, sem o “peso” de uma leitura densa com grandes blocos de texto. Por fim, as fotografias buscam completar a narrativa ao fornecerem os cenários para a imaginação do leitor.

A fonte utilizada no corpo do texto é a *Garamond*, que sendo serifada, em seu formato regular, permite melhor fluência na leitura do texto, evitando incômodos para o leitor. O tamanho do corpo do texto é 14, possibilitando melhor visualização para os leitores com alguma deficiência visual, como os próprios entrevistados, que manifestaram o desejo de ler o resultado final.

Em alguns capítulos são encontradas colunas de informação com a função de oferecer dados adicionais ao assunto tratado, que não poderiam ser incluídos no corpo do texto para que a fluidez da narrativa não fosse perdida. Nessas colunas, a fonte utilizada – a *Ebrima* – apesar de pouco conhecida, é não-serifada e mais estreita e, por isso, indicada para textos curtos e de destaque, pois valoriza as palavras individualmente e, assim, diferencia a coluna adicional do restante do texto. Além disso, as colunas de informação funcionam também como recurso visual, oferecendo espaços em branco e “respiros” para as páginas.

Além das fontes já citadas, foi também utilizada a *Steinem*, para a numeração das

páginas, em tamanho 12, e para o nome das seções, em tamanho 11. Essa fonte foi escolhida porque, apesar de ser não-serifada, e assim, indicada para detalhes, é composta por traços menos duros e alguns outros detalhes interessantes, como hastes alongadas. Essa fonte é a mesma que foi utilizada no subtítulo do livro colocado na capa, e no nome da autora.

O título “Águas Turvas” é apresentado na capa com a fonte *Barbershop in Thailand*, que sugere a ideia de liquidez da água. A mesma fonte foi utilizada nos títulos dos capítulos, em tamanho 28, visando reforçar a identidade visual do livro e destacar a temática central proposta.

O *design* da fonte utilizada no título da capa sugere a fluidez do rio e a cor marrom, o tom da terra, ideia que dialoga com a temática do livro. A capa foi montada sobre uma imagem da cidade de Espírito Santo do Turvo captada via satélite, na qual está assinalado o local do Rio Turvo. Sendo assim, buscando a valorização da ideia do “encontro entre águas e terras” criou-se traços ondulados nas partes superior e inferior da capa, em variações de tons verdes e azuis, sugerindo a existência de um rio, porém preenchido pela cor verde, de forma que a agricultura fosse representada. Cria-se assim a ideia de um rio verde, ou de um rio que se mistura ao verde, sendo desse encontro que “emerge” a pequena cidade, representada pela imagem. A contracapa também sugere essa ideia, ao apresentar o cruzamento do traçado da rodovia SP 225 com o traçado do rio, local a partir do qual surgiu o povoado.

5 COMENTÁRIOS

5.1 Dificuldades encontradas

Algumas dificuldades foram encontradas na produção deste livro, dentre elas o fato de que a autora é moradora de Espírito Santo do Turvo. Essa condição gerou uma certa insegurança nos entrevistados, que ficavam cautelosos ao fornecerem certas informações a ponto de pedirem que não fossem divulgadas. Outro aspecto gerador de dificuldade foi o tempo escasso da autora devido à jornada diária de 8h de trabalho. Isso dificultou a marcação das entrevistas, que só poderiam ser às noites, em horários de almoço e nos finais de semana.

A produção de fotografias também foi prejudicada, pois a autora ainda não tem, câmera própria e precisou pedir emprestada a um amigo, por períodos alternados, já que nem ele, nem a faculdade liberavam o equipamento por grandes períodos ou aos finais de semana. Algumas fontes não puderam ser entrevistadas pessoalmente em razão da distância que moravam ou devido à impossibilidade de locomoção.

Em relação à escrita, redigir um conteúdo histórico de maneira fluente e agradável ao leitor exigiu bastante esforço, muito em razão de nosso condicionamento jornalístico para escrever de maneira distanciada e menos humanizada.

Já em relação à diagramação do produto final, a autora foi totalmente responsável por esse processo. E como não possui conhecimentos avançados de edição no programa Indesign, encontrou algumas dificuldades no processo e, portanto, o layout final foi resultado do pouco que a autora soube construir.

5.2 Considerações finais

A escolha pela produção de um livro-reportagem como Projeto Experimental de Conclusão de Curso não foi resultante de uma decisão impulsiva. Há muitos anos, desde o Ensino Médio, já acompanhava a autora a vontade de contar a história da pequena cidade em que nasceu e que aprendeu a amar, a partir de relatos dos seus moradores. Assim, ao realizar o sonho de entrar para a faculdade de Jornalismo já pensava em realizar esse trabalho. No entanto, inúmeras barreiras foram aparecendo e passei a imaginar que não alcançaria meu objetivo, por isso demorei para dar início à pesquisa. Felizmente, na hora em que deveria decidir qual seria seu trabalho de conclusão de curso, a autora se dispôs a resgatar seu antigo

desejo, apesar de ainda ter muito medo das dificuldades que seriam encontradas.

Apesar das falhas ocorridas na apuração e da impossibilidade de captar mais fotografias, devido ao tempo escasso, a autora se considera satisfeita com o resultado de sua pesquisa jornalística. Ao longo do processo de produção foi possível exercitar e aplicar diversas práticas estudadas durante os anos de formação. Entre essas práticas exercitou a pesquisa, a produção de pautas, a projeção de fontes, o planejamento, a entrevista, a documentação, fotografia, a apuração e a escrita, além da diagramação e edição do produto final. Assim, a autora destaca a importância que esse trabalho teve ao mostrar a necessidade de uma apuração efetiva e do cruzamento de dados na produção de grandes reportagens, para que as informações não se resumam a lembranças ou a meros relatos dos entrevistados.

O centro desse trabalho esteve nas entrevistas, que me permitiram ter a certeza de que escolhi a profissão certa e de que nada pode substituir o prazer de ouvir um relato e depois contá-lo de maneira humanizada, considerando o ser humano que age e transforma a realidade e, ao mesmo tempo, é transformado por ela. Na opinião da autora, esse deve ser o objetivo final de um jornalista, contar histórias reais. Fica, portanto, a vontade de expandir esse trabalho, após sua apresentação, não só corrigindo suas falhas como também realizando mais entrevistas e trabalhando na promoção da publicação, para que esteja disponível às próximas gerações e a todos os interessados.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Aurélio. **Mineiro veio para expulsar índios.** *Jornal da Cidade*, Bauru, 28 fev. 2016. Regional. Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/Regional/2016/02/mineiro-veio-para-expulsar-indios.html>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

CEM anos de uma história em Espírito Santo do Turvo. *Jornal Debate*. Santa Cruz do Rio Pardo, 19 jun. 2005. Cartas. Disponível em: <http://www.debatenews.com.br/2005/06/19/cartas-16/>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Brasil em síntese*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/sp/espírito-santo-do-turvo/panorama>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o Livro-Reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4 ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2009.

MAIA, Marta Regina. **A história Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística.** *Revista Contracampo - Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 15, 2006. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/550/316>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

PRADO, Celso; PRADO, J. Sato. **Razias - Incursões Predatórias Indígenas do Vale do Paranapanema.** 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006. (Edição eletrônica revista, corrigida e ampliada). Disponível em <http://celsoprado-razias.blogspot.com.br/2009/12/razias-espírito-santo-do-turvo.html>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado— História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

USINA falida é vendida em Espírito Santo do Turvo. *Globo.com*, 09 mai. 2012. Bauru e Marília.

USINA fechada agrava a crise. *Jornal da Cidade*, Bauru, 10 abr. 2014. Regional. Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/Regional/2014/04/usina-fechada-agrava-a-crise.html>> Acesso em: 11 ago. 2017.

Águas Turvas

Terras e águas se confundem
no Espírito Santo do Turvo

Geizimara Polito



*Águas
Turvas*

Estr. Luciano Retz

Estr. Mun. Alambrado

Estr. Mun. Alambrado

Rio Turvo

Rio Turvo

Rod. Eng. João Batista Cabral

©

**Águas Turvas:
Terra e água se confundem no Espírito Santo do Turvo**

Texto e fotografia: Geizi Polito

Arte de Capa: Luiz Polito

Produção e Edição Editorial: Geizi Polito

Diagramação e Projeto-Gráfico: Geizi Polito

Ilustrações: Luiz Polito

Revisão e Orientação: Angelo Sottovia Aranha

*A todas as pessoas que de alguma forma tiveram
sua história entrelaçada com a história de Espírito
Santo do Turvo.*

*Ao meu pai que, onde estiver, pode ver o que tanto
esperou se concretizar.*

*A minha mãe, razão da minha existência, que
sempre fez o impossível para que eu chegasse até
aqui.*

“Muitos receptores tem prazer em descobrir, através da leitura, o passado real, não necessariamente apenas o passado tratado ficcionalmente. Mas querem ao lado da segurança da veracidade – que o jornalismo pode atender tanto quanto possível, através da documentação –, encontrar a vida palpitante nos episódios históricos. [...] Em síntese, querem um texto que pareça ficção – pelo lúdico que oferece, pela fruição que proporciona –, mas que seja real.”

Edvaldo Pereira Lima



Sumário

Turvo, mas só no bom sentido! 11

A freguesia 15

O distrito 37

O município 81

Sempre no vaguear do Turvo 99



*Turvo, mas sô no
bom sentido!*

“O rio é turvo quando ele é escuro, embaçado e não vemos o fundo. Isso acontece quando tem terra no meio da água”, diz Seu Tião Urias, pescador por prazer e conhecedor dessas águas. E o adjetivo “turvo” realmente designa algo que está opaco, sem transparência, nas páginas do dicionário Michaelis. Aplicando-se esse conceito ao rio, pode-se dizer que o rio perdeu sua transparência devido à mistura de suas águas com a terra fértil da região.

Assim, nasceu Espírito Santo do Turvo, ao longo de grandes extensões de terras às margens de um rio conhecido como turvo, como em um verdadeiro encontro entre terras e águas boas. Foi às suas margens que se desenvolveu um povoado movimentado pela passagem de tropas e carros de boi que ali faziam suas paradas. Um povoado marcado por disputas de território e conflitos políticos, que nem mesmo depois anos, seus moradores aceitam falar sobre o assunto.

Contada pelas letras esparsas de antigas máquinas de escrever barulhentas, a história de Espírito Santo do Turvo foi escrita meio desordenadamente, apenas por meio de notinhas desconectadas umas das outras em alguns poucos jornais que reproduziram registros oficiais de cada época. E ainda bem que foi feito esse trabalho, caso contrário seria ainda mais difícil retomar o fio da meada dessa história. Sendo assim, na ausência de um documento

oficial que contenha dados sobre a história da “Pérola Tropeira”, este livro reúne de maneira cuidadosa, com base em relatos de moradores e em pesquisas documentais, todas as informações que se conseguiu coletar ao longo de três meses de pesquisa. O objetivo, naturalmente, é registrar parte da história do município de Espírito Santo do Turvo a partir da andança improvável da agricultura.



*“Em Santa Cruz, Espírito Santo
era conhecido como o lugar onde o
cemitério era maior que a cidade.
Porque aqui morria bastante gente na
época dos coronéis.”*
(Nelson Nascimento)

É mais um domingo. Nove horas da manhã. Toninha – a dona Antonia Bertolino, filha do Seu Atílio Bertolino, o vereador e da Dona Lurde – acorda e olha pela janela. Espreme os olhos e nota que, ao longe, dá para ver a Igreja Matriz, a quarta construída até agora na cidade. Essa é a mesma visão que tem há 44 anos, desde que se casou; só aumentou o número de casas e a cor da rua, tingida pelo asfalto. Em silêncio, passa o café no coador de pano. Ferve o leite recém-tirado da vaca, conforme aprendera ainda com sua mãe, e oferece ao marido o queijo fresco que fez no dia anterior. A missa acontece sempre no mesmo horário, desde que o antigo sino de cobre soou pela primeira vez. Aquele de cobre, ninguém sabe para onde foi, mas as

badaladas do sino que o substituiu guardam a tradição de indicar o momento certo de se seguir aquele som.

Talvez por isso, Toninha ainda carregue o mesmo sentimento de amor que trazia pelo recanto em que vive. Conhece, se não todas, boa parte das histórias encenadas por ali. Enquanto segue rumo à Igreja, corre o olhar pela Praça Municipal e vê algumas crianças, provavelmente filhos dos netos daqueles que a acompanharam na composição da história da cidade. Observa também aqueles que lhe são estranhos e dividem o mesmo espaço, muitos dos quais vieram de longe, do Norte do país, em busca de empregos na colheita da laranja, nos anos 2000. Hoje, já são seus companheiros.

Pelas ruas, que continuam as mesmas, relembra os passos que deu ao longo de sua infância. O antigo armazém da família fica a algumas quadras de distância da Igreja e ainda pode ser admirado pelos traços arquitetônicos ecléticos do século XIX misturados com as linhas duras de seu estilo romântico. Silenciosa e tímida, Toninha relembra as festas, ou quase festas, das quais pôde participar. As mais marcantes eram os leilões de gado. Aqueles encontros combinavam com o cenário de grandes pastagens e extensas propriedades que até hoje circundam a pequena Espírito Santo do Turvo, onde se

criavam bois de alta qualidade. Naqueles leilões, bois e vacas das raças Nelore e Zebu eram vendidos para os produtores vizinhos e aos frigoríficos que, em plenos anos 70, já valorizavam a carne de boa qualidade. E os bois também eram oferecidos como pagamento de promessas religiosas, ali mesmo na rua Brasil, sob a espregida de dezenas de devotos que esperavam ansiosos por aquela festa anual.

Toninha faz parte de uma das primeiras famílias que fizeram de Espírito Santo do Turvo o seu lar. E de maneira dupla, pois seu marido Nelson Afonso do Nascimento é descendente de portugueses, os primeiros posseiros que habitaram a região. Nelson carrega na memória claras lembranças de sua avó Mariana. A casa grande erguia-se suntuosa, próxima ao rio Turvo, para sinalizar o domínio das extensas propriedades adquiridas pelo seu avô, após a divisão da herança entre seus tios.

Cidade pequena do interior paulista, Espírito Santo do Turvo até pode parecer apenas um aglomerado de construções, para quem viaja pela rodovia Ipaussu-Bauru (SP 225), em região próxima ao final da Rodovia Castello Branco. Mas, quem vive e convive em suas estreitas ruas sabe que seus 194 km² de área guardam histórias que remontam ao século XIX. Famílias tradicionais mantêm seus costumes e escolhem, à cada

ano, permanecerem no mesmo solo já cultivado por seus avós, compartilhando o espaço com os novos moradores que escolheram ali para construir seus lares.

Os primeiros habitantes chegaram entre 1852 e 1853 e na condição de posseiros de terra começaram a ocupar o Oeste Paulista. Acredita-se que foi a companhia do bandeirante José Theodoro de Souza que desbravou a região, como registra o historiador Celso Prado, porque José Theodoro esteve envolvido em eventos políticos em Sorocaba em maio de 1842, no episódio da Revolta dos Liberais* e, talvez por isso, tenha se aventurado pelo “picadão” e conhecido a Bacia do Turvo. No livro *Espírito Santo do Turvo: suas histórias, filhos e ancestrais*, o autor José Joaquim Gonçalves Melo reconhece José Antonio Pereira de Lima, Antonio Vicente Pereira de Lima e Antonio Lemes da Silva como os fundadores de Espírito Santo do Turvo. Foram eles que realizaram, a mando do Imperador D. Pedro II, o primeiro levantamento de terras na região. Assim, em 1853 iniciou-se a formação do vilarejo, e a primeira igreja católica foi construída em madeira, em 1855, o que, naquela época, validava a existência de um povoado. Segundo as memórias dos moradores e pessoas conhecedoras da região, essa primeira “capelinha” - como era chamada - foi construída na confluência entre a Água

* A revolta dos liberais foi uma rebelião armada que aconteceu no ano de 1842, durante o Segundo Reinado, em cidades dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Em Sorocaba (SP), a revolta eclodiu na manhã de 17 de maio de 1842, quando a Câmara aprovou o nome de Tobias de Aguiar como Presidente da Província. A revolta fez parte de uma série de levantes armados, que opunham conservadores e liberais na disputa pelo Governo Imperial. Os liberais formaram a Coluna Libertadora e marcharam em direção ao Rio de Janeiro para derrubar o Governo Conservador.

do Cerradão e a Água do Rangel. Acredita-se, por relatos compartilhados boca a boca, que algum dos companheiros de José Theodoro de Souza permaneceu nas margens do Rio Turvo e do Ribeirão Santa Clara, nas proximidades do local onde foi construída a primeira usina de açúcar e álcool da cidade, anos mais tarde. Manoel Antonio Pereira de Lima era um dos companheiros do bandeirante e, segundo o historiador Celso Prado, apropriou-se ilegalmente das terras que hoje circundam a cidade. Em 1853, ele doou cerca de 30 alqueires paulistas* para a Cúria Diocesana, para a instalação do patrimônio do Divino Espírito Santo e, em consequência, para a construção da nova cidade. A escritura de doação foi lavrada aos 9 de dezembro de 1873,

provavelmente pela falta de crédito agrícola àquela época, e por ter sido promulgada, em 1850, a Lei de Terras, que tornaria pública toda e qualquer terra não ocupada regularmente.

A escritura de doação, como registra Joaquim José Gonçalves de Melo em seu livro, foi lavrada tendo José Gonçalves da Silva, seu bisavô, como recebedor. O autor relata que, conforme escritos da família, esse seu bisavô português veio de um lugarejo próximo à cidade de Bragança, em Portugal, à procura de um tio que veio ao Brasil por volta de 1835. José Gonçalves da Silva teria se aventurado pelos sertões do Brasil e residido em algumas cidades, inclusive em Jaú (SP), só chegando em Espírito Santo do Turvo em 1864, já casado e com 5 filhos. Ao chegar, adquiriu terras com a ajuda

* O alqueire é uma unidade de medida usada para propriedades rurais, porém não possui uma medida exata, pois tem sua equivalência variável em diferentes estados.

Em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás equivale à 48.400 metros quadrados (4,84 hectares), e em São Paulo - alqueire paulista - a 24.200 metros quadrados (2,42 hectares). A palavra "alqueire" vem do árabe e significa "alquei le" (medida de um saco).

Durante a colonização, os portugueses utilizaram como medida de volume, de forma que o terrenos que coubessem naquela medida, era conhecido como "terreno de um alqueire".

de Pedro José Machado (então grande proprietário da região) e, depois de 9 anos morando em Espírito Santo do Turvo, recebeu as terras doadas pelos primeiros posseiros para a posterior instalação do município. Enquanto isso, em 1867, o progresso começava a chegar ao interior paulista com a inauguração da São Paulo Railway, a primeira ferrovia do estado de São Paulo, em Jundiaí. Essa primeira estrada de ferro paulista foi financiada por capital inglês e se justificava pela necessidade de se escoar a produção de café até o porto de Santos.

Os caudalosos córregos da região, o Córrego do Rangel e o Ribeirão Santa Clara, contribuíam para a manutenção da fertilidade da terra roxa característica das grandes propriedades e levaram os posseiros a construírem não apenas ranchos e parapeiros provisórios, mas a formarem o lugar onde instalariam suas famílias. José Gonçalves da Silva, tendo adquirido as terras, também optou por trabalhar pelo desenvolvimento da região. Ali, teve mais cinco filhos e permitiu que sua descendência continuasse na cidade. O olhar sonhador de José Gonçalves da Silva refletia a esperança de transformar aquelas terras em lugares agradáveis para seus familiares e amigos, pelo que pode abstrair qualquer um que leia os escritos que deixara a seus netos e bisnetos. Em suas palavras: "gostaria

de habitar um lugar em que chegaria a um objetivo promissor, não só a mim, mas também para os outros”.

Naquele período, com menos de 10 milhões de habitantes (Censo de 1872), o Brasil atravessava fortes turbulências econômicas porque o sistema financeiro já sinalizava o fim do Império. Em meados do século XIX e início do século XX, a produção cafeeira teve seu ápice e tornou-se a principal atividade econômica do país, tendo-se expandido da região do Rio de Janeiro para o Vale do Paraíba e, posteriormente, para o Oeste



Foto: José Joaquim G. Melo

Antiga estrada que ligava Rio Turvo à Santa Cruz do Rio Pardo nas propriedades da família Nascimento. Foi desativada devido à erosão

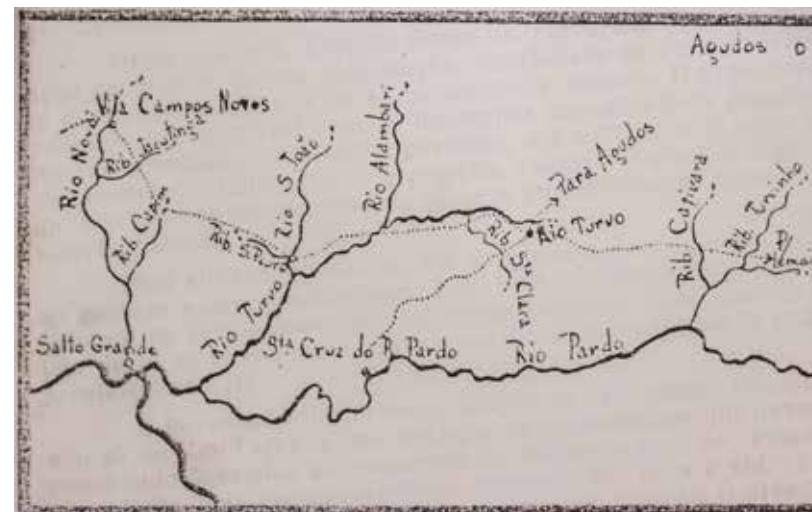


Foto: Jornal Panorama

Mapa das antigas Rotas de Tropas, mostrando a posição de Rio Turvo como encruzilhada de caminhos, publicado em 1955, pelo Jornal Panorama

do Estado de São Paulo, região que vinha sendo ocupada pela Frente Pioneira*. Ao mesmo tempo, o Império também enfrentava os reflexos de uma crise financeira e, como possível solução, permitiu-se a entrada de capital estrangeiro no país. Assim, empresas inglesas iniciaram o financiamento de obras de infraestrutura nas áreas de transportes e de serviços públicos voltados à exportação, como ferrovias, armazéns, pontes e portos. Com isso, as regiões Sul e Sudeste passaram a concentrar a maior parte da produção cafeeira do país, além da significativa cultura do algodão e da pecuária bovina, atividades que



davam continuidade à produção direcionada à exportação. Além disso, esse desenvolvimento econômico culminou com o avanço da ocupação do estado de São Paulo e deu origem à primeira fronteira agropecuária** paulista.

Apesar de Espírito Santo do Turvo estar distante dos grandes centros produtores de café, entre os anos 1857 e 1873, possuía grandes propriedades cafeeiras, seguindo a tendência do Oeste Paulista, além de sua principal atividade econômica também ser a agricultura. Só o agricultor José Gonçalves da Silva, por exemplo, chegou a possuir 6.000 alqueires de terras nos arredores da cidade. Em meio ao sertão conhecido de Guimarães Rosa, onde reinavam os matagais e as disputas por territórios, os poucos moradores desenvolviam, além da cultura

* Frente Pioneira refere-se ao processo de ocupação realizado pelos produtores rurais que avançam primeiramente nas propriedades rurais que ainda não estão ocupadas, visando a produção interna e a exportação.

Em muitos casos, essa frente caracteriza-se pela grilagem, que é a prática da apropriação ilegal de terras devolutas - que pertencem ao estado - ou de terras pré-ocupadas por posseiros.

** A fronteira agropecuária é uma expressão utilizada para referir-se às áreas de avanços da ocupação de terras para a prática agrícola sobre o meio natural.

do café, outras de menor porte, como a de mandioca, apesar das dificuldades financeiras. Toda a produção de café, arroz, algodão, mandioca e milho, por exemplo, era levada em lombos de burros e em carros de boi para as cidades de Sorocaba e Botucatu, centros de exportação e comércio, pelas longas estradas de terra criadas mata a dentro.

A primeira referência documental civil da cidade, segundo o historiador Celso Prado, data de 8 de outubro de 1858, e foi feita na Representação da Câmara de Botucatu. Em seguida, os registros apontam para uma segunda menção em 1870, pela Câmara de Lençóis e dirigida ao Presidente da Província Paulista, para elevação do povoado a Comarca separada do município de Botucatu, pois



Foto: José Joaquim G. Melo

Caminhões de José Dias Gonçalves carregados de algodão

Espírito Santo do Turvo já contava com escola, cadeia, câmara de vereadores, prefeitura e cartório, este criado em 1882, conforme registrou o professor José Gonçalves da Silva. Já funcionava também uma agência de Correios, que recebia malotes postais de Lençóis Paulista, Borebi, Boi Pintado e São Domingos. Por volta de 1880, Espírito Santo do Turvo recebe sua primeira “casa de comércio”, o armazém de José Joaquim Gonçalves Melo, que em viagens de mulas até Sorocaba fazia compras de sementes, medicamentos, ferramentas, itens para agropecuária, além de roupas e alimentos e sal. Sorocaba, naquele momento, contava com um trecho ferroviário da Companhia

* A freguesia é uma divisão territorial tipicamente portuguesa, e que foi muito utilizada durante o Brasil Imperial. Também chamada de paróquia, equivalia a menor divisão administrativa do estado. Uma paróquia correspondia a um lugar onde havia uma Igreja Matriz Católica e um pároco (padre) responsável. Quem frequentava a paróquia era chamado de freguês, daí o nome de freguesia.

Estrada de Ferro Sorocabana e, por isso, já avançava em seu processo de industrialização.

Na rua Brasil, já conhecida como rua principal, começaram a ser construídos imóveis de alvenaria, que somavam cerca de 27. Uma olaria fabricava os primeiros tijolos da região, dois hotéis abrigavam os viajantes e as lamparinas a querosene, raridade na época, iluminavam as ruas da cidade noite a dentro. Esse crescimento culmina na formação administrativa de Espírito Santo do Turvo que, após um significativo aumento da população, em 23 de março de 1878 recebe o título de freguesia*, graças à Lei nº 08 que a demarcou como Patrimônio Religioso. Sete anos depois, aos 10 de março de 1885, a freguesia de Espírito Santo do Turvo foi desmembrada do município de Lençóis Paulista.



Foto: José Joaquim G. Melo

Rua que deu origem à cidade de Espírito Santo do Turvo, com suas primeiras construções



Foto: José Joaquim G. Melo

Rua principal de Espírito Santo do Turvo, conhecida por muito tempo como “rua do comércio”, devido a presença de estabelecimentos comerciais



Foto: Geizi Polito

Rua Acácio Trindade de Melo hoje, antiga “rua do comércio”. Suas construções foram esquecidas em um canto pouco visitado da cidade

Tornou-se vila e, posteriormente, município, pela Lei Provincial nº 20. Já em 1906, é elevada à condição de cidade pela Lei Estadual 1.038, de 19 de dezembro e, a partir de então, entra finalmente no mapa do Brasil. Passou a ser representada em todas as instâncias da administração pública como uma divisão administrativa autônoma.

Entre as primeiras famílias de portugueses da cidade está a família de Nelson Afonso do Nascimento, marido de Toninha. Seu avô, Zeca Afonso, veio direto de Portugal em direção à Bacia do Turvo por indicação, possivelmente dos administradores do Império. Ao que tudo indica, sua família era influente a ponto de

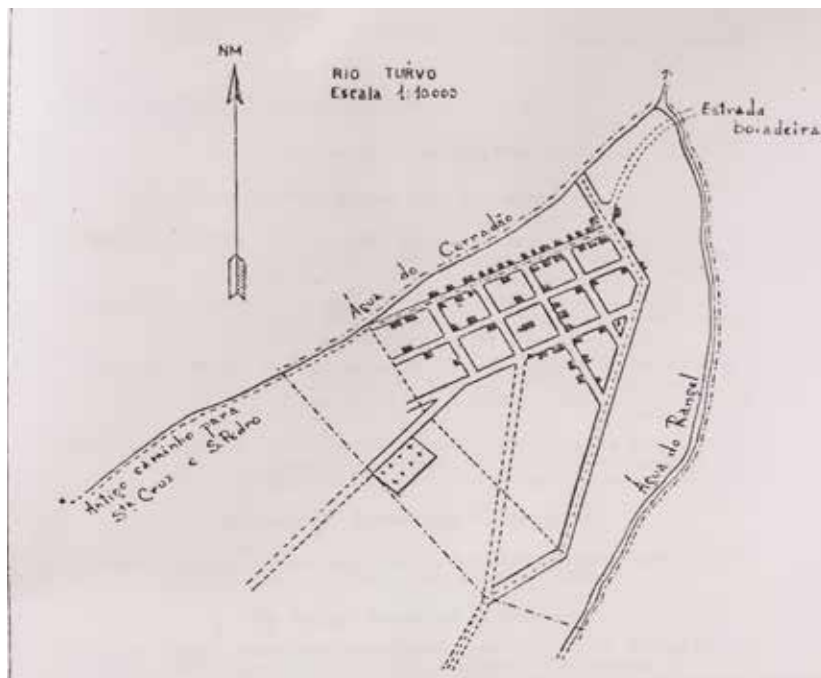


Foto: Jornal Panorama

Mapa do município de Rio Turvo, com a estrada boiadeira assinalada. Ao longo deste caminho que se constituiu a “rua do comércio”

conseguir sua indicação para atuar como administrador das lavouras de café. Casou-se com Mariana Gonçalves da Silva, filha de José Gonçalves da Silva, aquele fazendeiro a quem foram doadas as terras para a instalação do povoado. Sendo dono de grandes propriedades, Zeca Afonso ocupava suas terras principalmente com a pecuária bovina destinada à exportação. Ao lado da criação de gado, dedicava-se ao cultivo do café, atividade

que era muito bem vinda por empregar os moradores da região. Construiu uma grande casa, ao lado de onde hoje mora Nelson Afonso do Nascimento, bem próximo ao ponto conhecido atualmente como centro antigo, onde tudo acontecia. Ali teve 12 filhos e assim deixou uma vasta descendência que deu continuidade à tradicional família. A administração das fazendas passou por várias gerações e seus bisnetos até hoje são responsáveis pela produção e manutenção das propriedades.

Nelson Nascimento tem hoje 74 anos, mas a idade não lhe impede de trazer vivas na mente as lembranças



Foto: Jornal Via Fax

Rio Turvo protegido por sua mata ciliar

do avô Zeca Afonso, que resistem transparentes em sua memória. “Ele veio de Portugal para cuidar dessas terras daqui, onde plantou café e criou gado. Também fez parte daqueles tempos de coronel”, recorda-se Nelson, demonstrando certo orgulho. Como membro da quarta geração de portugueses da cidade, ele ainda vive nas terras da família. Milhares de alqueires que pertenciam a sua família foram sendo distribuídos, ao longo dos anos, ora para venda, ora para arrendamentos para o plantio de cana. “Na década de 70, quando veio a Usina Sobar - de açúcar e álcool - pra cá, os Camolesi que eram os donos, até pediram pra eu ajudar com as terras”, explica Nelson, comentando sobre a necessidade de extensas áreas para o plantio de cana em quantidades suficientes para o abastecimento das caldeiras da usina.

Nos anos 30, a cidade experimentou um grande crescimento, que acabou sendo sufocado pelo fato de ter ficado fora das rotas das ferrovias. Aos poucos, a atividade econômica foi minguando e os moradores vivenciaram uma fase difícil, sobretudo pela dificuldade de escoamento da produção agropecuária. Santa Cruz do Rio Pardo recebe um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1908, e Bauru, cidade localizada a apenas 50km de Espírito Santo do Turvo torna-se o maior entrocamento ferroviário da

América Latina. Assim, o pequeno município fica cercado pelas ferrovias já que está localizado entre essas cidades, mas não as conhece de perto. “A ferrovia veio por Piraju e desceu pra Avaré, lá pelo sul, então nós ficamos de fora”, conta Antonio Quirino, também descendente das primeiras famílias que viveram na cidade, ao lembrar que Espírito Santo é um povoado antigo e já teve seus anos de ouro.

Em 1933, o município deixou de existir pelo Decreto Estadual nº 6.448, de 22 de maio de 1934, e juridicamente foi transformado no Distrito de Espírito Santo do Turvo. Seu território foi anexado ao município de Santa Cruz do Rio Pardo e a cidade foi administrada nessa condição de dependência durante 56 anos. Sem autonomia financeira, já que os impostos eram enviados para Santa Cruz do Rio Pardo, foram anos de sofrimento para a população.



O distrito



“Era tão gostoso. A festa do peão era muito movimentada aqui. Cheguei a trabalhar na quermesse a noite toda para ajudar na construção da igreja.”
(Terezinha Nascimento)

A manhã era chuvosa e, aparentemente, as gotas não dariam trégua durante o dia. Era uma tarde de 1959, quando Atílio Bertolino terminava de descarregar os últimos sacos de amendoim trazidos da fazenda da Clarínia. Tinha ouvido dizer que em Espírito Santo havia vários produtores agrícolas e pecuaristas, e foi convencido pelo Sr. Carlos Sasso a instalar um armazém na cidade. Tinha grande vocação para o comércio, como faz questão de frisar Delourdes Scarpin Bertolino, a Dona Lurde, sua esposa. No entanto, ao chegar, o casal se surpreendeu com a paradeira. Seu Atílio não estava acreditando que o lugar pudesse dar algum lucro, pois havia no máximo cerca de 30 famílias vivendo ali. Porém, sabia que os

produtores precisavam comprar artigos básicos para viabilizar a produção e o tratamento do gado, e tinha certeza que convenceria os grandes fornecedores da região a colocarem seus produtos à venda no seu armazém. Ele veio da fazenda Clarínia, outro distrito pertencente a Santa Cruz do Rio Pardo, acompanhado de seus quatro filhos e esposa, entre eles Toninha. Logo apegou-se ao lugarejo, e não media esforços para ajudar os moradores. “Ele foi delegado voluntário por vários anos e assim ajudava as pessoas quando tinham alguma emergência, porque na época ainda não tinha policiamento”, conta Dona Lurde



Foto: José Joaquim G. Melo

Juca Rodrigues, fazendeiro da região, com caminhão carregado de algodão, na frente de um “comércio” - como também eram chamadas as vendas

ao lembrar o quanto seu marido se dedicava para ajudar outros moradores, característica que, segundo ela, o fez ser eleito vereador por dois mandatos, e assim ter seu nome eternizado no prédio atual da Câmara Municipal.

Em menos de quatro meses, surgiu um concorrente. A preocupação foi inevitável. Como garantir que os clientes não trocariam os produtos que ele vendia pelos produtos do concorrente, que se instalou exatamente no prédio em frente da sua loja? Pedro Nagib – o concorrente – era primo de Nelson Nascimento e sabia a que vinha. Estava decidido a trabalhar com os produtos que o Seu Atílio não oferecia. Naquele ponto da rua Brasil – atual rua Acácio Trindade de Melo – estava renascendo a primeira “rua do comércio” de Espírito Santo. Lojas de calçados, farmácia e quitanda podiam novamente ser encontradas no mesmo centro comercial, como conta Dona Terezinha Nascimento, viúva de Pedro Nagib. Ela se lembra com saudade do marido, que foi assassinado em uma tentativa de assalto na cidade.

Necilda é uma representante dos imigrantes que chegaram naquelas paragens para trabalhar com a agricultura e a pecuária em 1950. A antiga cadeira de balanço disposta na varanda serve para descanso e para lembrar sua infância; “Meu avô era fazendeiro, tinha bastante terra aqui. Plantava arroz, milho, algodão e



Foto: Arquivo Pessoal

Vereadores da comarca de Santa Cruz do Rio Pardo durante a legislatura que Atilio Bertolino fez parte



Foto: Arquivo Pessoal

Comício realizado na cidade de Espírito Santo do Turvo para a reeleição de Atilio Bertolino

criava porcos. Os compradores vinham de Botucatu pra buscar e tocavam o porco pela estrada”, conta. Seu avô, veio da Áustria em 1923 e comprou terras na região do Rio Turvo, nas proximidades de Domélia. Como ele, diferentes famílias já faziam parte de Espírito Santo do Turvo atraídas pela possibilidade de desenvolver uma boa produção agrícola, em função da qualidade da terra roxa que encantava os agricultores.

O início da segunda metade do século XX foi marcado pela dependência de Espírito Santo do Turvo. Todas as decisões políticas relativas ao oferecimento de serviços ou à manutenção dos sistemas e equipamentos urbanos já implantados eram tomadas na comarca, a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo. Não raramente, questões relevantes para os moradores de Espírito Santo ficavam para segundo plano, na Prefeitura e na Câmara de Santa Cruz, dada a escassez de recursos e graças ao peso dos votos dos vereadores da comarca. Provocando sensações de descontentamento em muitos moradores, a vila volta a ter seu nome alterado em 1938 pelo Decreto Estadual nº 9.775. Oficialmente, voltava a ser chamada de Distrito de Rio Turvo, como o povoado era conhecido em seus primeiros anos de glória.

Em 1953, no entanto, conseguiu-se a mudança para Distrito de Espírito Santo do Turvo, numa clara

demonstração de que os moradores queriam que sua comunidade fosse espiritualizada. Segundo documentos publicados na imprensa da época, não se reivindicava o vínculo da sociedade a uma ou outra religião, mas sim a associação daquelas famílias à religiosidade.

Enquanto isso, a nação verde-amarela assistia aos últimos suspiros da “Senhora República”. Alegavam-se, na época, problemas no regime econômico adotado no Brasil, que estaria dando sinais de esgotamento. A década de 1920 ficou conhecida pela complexidade econômica consequente dos prejuízos e do desmonte promovidos pela Primeira Guerra Mundial, que fez com que os preços das commodities caíssem e a instabilidade financeira internacional aumentasse, também em consequência da crise econômica americana (1920-1922), que dificultou as exportações. Apesar dos conflitos políticos e econômicos que surgiam, no estado de São Paulo a produção cafeeira continuava avançando. Crescia e os paulistas começavam a se destacar entre os cafeicultores das demais regiões do País, com uma produção rural responsável por 25% do total nacional. Na época, a população era submetida ao domínio dos coronéis, os quais garantiam-se no poder graças à política dos governadores*. Vivendo em um mundo paralelo, muitas vezes, os coronéis não sabiam,

* Política dos governadores foi como ficou conhecido uma espécie de pacto que existia entre o Governo Federal, o governo dos estados e os coronéis, durante a República Velha. Consolidou-se como uma estrutura política que permitia o acesso aos cargos de poder da República somente aos desejados. Assim, a Assembleia Legislativa era formada sem que houvesse qualquer tipo de oposição.

ou não demonstravam quaisquer preocupações com a realidade vivida pelos trabalhadores rurais. “Me lembro que minha mãe não podia votar, só meu pai podia. Mas, antes de votar, ele precisava passar na casa do Sr. Idarílio, que era vereador da comarca, para pegar antecipadamente o nome de seu candidato”, relembra Necilda.

Os grandes nomes da República Velha ainda figuram no imaginário dos que cresceram no jovem município, sobretudo nas conversas sobre o seu passado. “Entre as conversas que eu escutava quando criança, ouvi dizer que foram encontrados túneis que ligavam o Casão – como era chamada a casa em que o Sr. Idarilho Gonçalves morava e que pertenceu inicialmente ao Sr. Juca Afonso – a um local do outro lado da rua, e que aquele lugar era frequentado



Foto: José Joaquim G. Melo

Caminhão de eleitores parado em frente ao Casão do Seu Juquinha, onde morava o Sr. Idarilho, em dia de eleição

pelos coronéis”, conta Valneci Bertolino, filha mais nova do Seu Atílio. Na época, o lugarejo ficou conhecido pela ideia “de que ali o cemitério era maior que a cidade, porque muita gente era morta”, lembra Nelson Nascimento, ao contar sobre o que teve oportunidade de ouvir em sua juventude em relação aos conflitos políticos da região.

Entre os anos 1920 e 1930, a cidade de São Paulo conhecia de perto a rotina das grandes metrópoles. Cada vez mais industrializada e urbanizada, a metrópole em formação passava por um processo de complexificação e, aos poucos, os habitantes passaram a exigir mais serviços



Foto: Informativo Noticentro

Casa onde cresceu Dona Necilda. Ao fundo, pé-de-manga que existe até hoje na entrada da cidade

nas áreas da Educação Pública, da Saúde, de Saneamento básico, do Abastecimento alimentício e no setor de Transportes. Enquanto isso, na pequena Espírito Santo do Turvo, Necilda estudava com cerca de 70 alunos em uma sala improvisada cedida pela igreja na Casa Paroquial. As cadeiras grandes de ferro eram dispostas em fileiras separadas conforme a idade dos alunos. A professora severa e o ensino rigoroso de Educação Cívica saltam na memória de Necilda, já que ela teve a possibilidade de, ao menos, compreender o alfabeto da Língua Portuguesa. Os profissionais de ensino faziam grande esforço, e sempre

pessoal, para alcançar suas metas. Só como exemplo, precisavam fazer longas viagens até chegarem em seus locais de trabalho, e quando chegavam na pequena vila, às vezes eram obrigados a alugar outras salas para as aulas. “Não havia água nem banheiro na escola. Me lembro de pedir à professora que ela me deixasse pedir um copo de água para a vizinha, quando a sede apertava”, conta Necilda, sorridente ao relembrar sua infância e os nomes dos amigos com quem compartilhou aqueles momentos.

Espírito Santo viu a Estrada de Ferro Sorocabana chegar na região e levar seus tropeiros embora, deixando apenas a poeira que se levantava pela estrada, ao passar das tropas que não voltaram mais. Levaram consigo os ferreiros e as pousadas que cuidavam de sua permanência na cidade e deixaram no passado o silêncio e as grandes propriedades, invadidas, vez ou outra, pelo burburinho que se ouvia de Dona Maria, ou de Seu João. Os trabalhadores da pecuária iam deixando suas casas, de pau-a-pique ou de tijolos, que foram ficando vazias, imponentes e solitárias naquele sertão. O povoado voltou no tempo, e passou de 453 habitantes, em 1940, para 325 habitantes, em 1951, de forma que tornou-se impossível competir com os centros urbanos que se desenvolviam às margens das ferrovias e tinham escoamento fácil para



Traçado da Estrada de Ferro Sorocabana mostra a forma com que Espírito Santo foi rodeado pela ferrovia, literalmente

Foto: Ferrovias do Brasil - 1970



Foto: Informativo Noticentro

Sr. Otávio Matias com sua carroça de transportar milho e arroz, em 1950

sua produção. Rio Turvo perdeu, aos poucos, seu centro comercial, mas continuou dependendo das regras ditadas pelas atividades rurais, como a pecuária de corte. Assim, sobreviveram as famosas “vendas” – como os armazéns do Seu Atílio e do Seu Nagib – atendendo as necessidades dos moradores que ficaram e que permitiram que a vila continuasse existindo escondida entre os grandes espigões naturais e agitando-se eventualmente durante as festas religiosas, como os leilões de gado que Toninha frequentava, ou pelos botecos que abriam aos domingos.

Sendo esta a única saída, no início do século XX, as pequenas propriedades rurais aos poucos foram

aumentando e se destacando no cultivo de algodão, milho, mandioca, arroz e até cana, para a fabricação de aguardente, já que a agricultura camponesa ganhava destaque também no cenário nacional. Os poucos moradores restantes do lugarejo trabalhavam nas grandes propriedades – que correspondiam a 46,1% de seu território – e ao mesmo tempo cultivavam seus produtos em suas lavouras. Eles mesmos forneciam alimentos para o pequeno povoado, além de desenvolverem atividades relacionadas à caça. Caçava-se veados, catetos e capivaras, na maioria das vezes, como conta o Seu Augusto Malanche em entrevista ao jornal Vento Forte, informativo municipal da época. Havia cerca de 200 propriedades rurais, sendo todas de produção de pequeno e médio porte, o que já justificava a instalação de máquinas de beneficiamento de arroz e para a fabricação de fubá, para atender a demanda local.

As propriedades rurais renderam a Espírito Santo do Turvo nomes memoráveis que a população guarda com muito carinho, como o de Mitsuan Sasaki. Ele veio do Japão com sua família, aos 4 anos de idade, em 1939, fugindo da Segunda Guerra Mundial. Sasaki cresceu em Espírito Santo do Turvo e cultivando as terras da família plantava algodão e melancia. Seu empenho era tanto que foi reconhecido, em 1959, como o Maior Produtor de



Foto: Acervo Esturvo

A família Sasaki veio para o Brasil, em 1942, devido à 2ª Guerra Mundial



Foto: Acervo Esturvo

Primeira motoniveladora da região de Santa Cruz do Rio Pardo, trazida pela família Sasaki, por volta de 1945



Foto: Acervo Esturvo

Trabalhadores aguardando o transporte para mais um dia na colheita de melancia, já nos anos 90

Melancia do Estado de São Paulo. Ficou conhecido por oferecer muitos empregos na lavoura e por ter adquirido a primeira motoniveladora do município. Outro agricultor consagrado foi Moacir Felipe, também muito lembrado pelos saudosos moradores da pequena Espírito Santo, onde chegou em 1965 para trabalhar nas lavouras de cereais e de café. Ao longo dos anos, ofereceu empregos à população e trabalhou para que fosse possível o início da pavimentação asfáltica de Espírito Santo do Turvo, doando madeiras, bezerros e adubos para venda e arrecadação dos recursos financeiros necessários para a execução dos



Foto: Acervo Esturvo

Terceira Igreja Matriz construída em 1906, por iniciativa do Coronel Clementino Gonçalves

trabalhos, como foi lembrado na cerimônia de entrega do título de Cidadão Espírito-santense a Moacir Felipe.

Ao que parece, a vida nunca foi fácil para ninguém. Já naquela época, além de estudarem, os jovens também trabalhavam. Depois que voltavam da escola, Necilda e Joselina Augusta Lima precisavam ajudar o pai na roça. Eram famílias distintas que se encontravam nas semelhanças do trabalho, compartilhando essa mesma parte da história, mas cada uma ocupando um lugar diferente na produção. “Eu ia pra escola e quando voltava ajudava meu pai a plantar e colher algodão, a tombar a terra e tirar leite. Minha família não tinha empregados.

Éramos só nós da família que ajudávamos, enquanto ele e meus tios tocavam o pasto”, conta Necilda. Já Joselina, saía da escola e ia trabalhar nas terras de Waldemar Zanata, colhendo algodão. “Eu tinha o sonho de ser professora, mas meu pai disse que eu não iria estudar porque nenhuma das minhas irmãs estudou. Então, trabalhávamos nas terras dos outros e o que ganhávamos não dava nem pra comprar roupa. Eu não tinha nenhum vestidinho”, relembra Joselina, aos 77 anos de idade levando a vida “sem luxos” que aprendeu a viver.

Apesar da dependência política e financeira da Comarca, alguns estabelecimentos e equipamentos da antiga freguesia continuaram operando, como a escola, a agência de correios e a terceira Igreja Matriz, tida como o marco do início da cidade. Necilda conta que não acompanhou o progresso das ferrovias, mas lembra-se que quando a rodovia cortou as terras de Espírito Santo do Turvo, em decorrência das ferrovias da região, foi como se o progresso tivesse chegado à cidade. Desde o final da década de 1920, o “rodoviarismo” e os ônibus passaram a ter um papel mais importante do que antes, e então a pequena vila foi se transformando em ponto de abastecimento para quem passava pela rodovia. “As jardineiras agora paravam ali pertinho da gente. Não

precisávamos mais ir a cavalo pra Santa Cruz”, diz Necilda, saudosa ao lembrar o primeiro ônibus que viu ali chegar.

A concessionária responsável pela construção da estrada que ligaria Santa Cruz do Rio Pardo à cidade de Bauru, que mais tarde se tornaria a SP 225, traçou seu caminho em meio às propriedades rurais da região e uma delas era o quintal de Necilda: “Foi preciso derrubar nossa casa, que ficava perto do cruzeiro, para a construção da pista. De lá, sobrou só o pé-de-manga que ficava em nosso pomar. Ele ainda hoje está no mesmo lugar. Depois disso, construímos uma casa de tábuas do outro lado da estrada, onde vivi



Vista atual da Rodovia SP 225 traçada ao lado do pé-de-manga, que ficava no quintal de Dona Necilda

até me casar”. A nova estrada aproximava os parentes de longe e servia de paradeiro para as jardineiras que traziam encomendas, pessoas, e permitiam encontros que há anos não aconteciam. “Quando meus tios vinham para cá, falavam que estavam vindo para o sertão”, lembra Necilda, ao recordar que foi só naquele momento que conseguiu rever seus parentes que moravam em outras regiões.

E assim, as redes de energia elétrica se expandiam, as rádios alcançavam cada vez mais gente e o sistema de transportes por rodovia crescia rapidamente. A telefonia e a eletrificação também evoluíam e com isso o Estado de São Paulo experimentava uma aceleração no processo de industrialização. Desde a década de 1920, a indústria paulista havia superado a produção industrial do Rio de Janeiro, devido à presença dos imigrantes e aos investimentos em infraestrutura, incluindo estradas e ferrovias.

Apesar das facilidades decorrentes da evolução tecnológica já serem comuns aos paulistanos, à época, os moradores de Espírito Santo do Turvo só foram conhecer os luzeiros incandescentes bem mais tarde, inclusive em relação às outras regiões do estado. Apenas em 1966, pressionado pelos moradores do distrito, Onofre Rosa, então prefeito de Santa Cruz do Rio

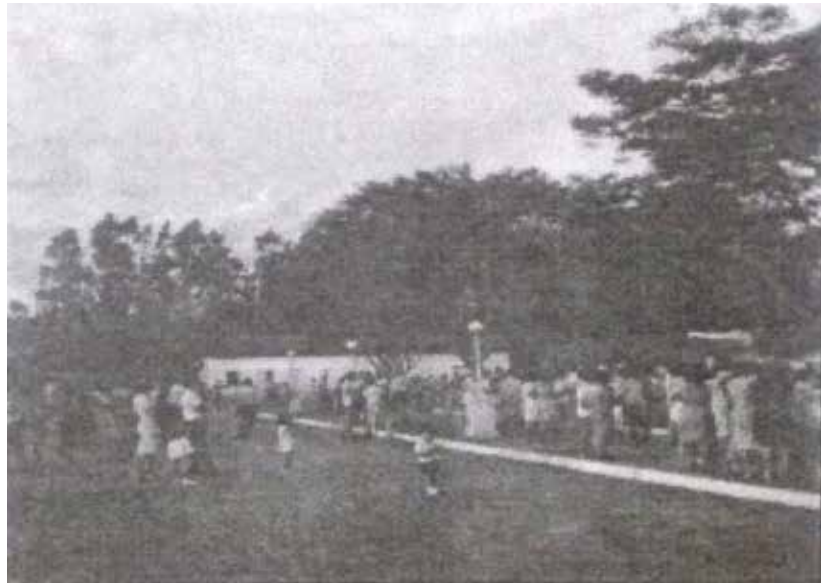


Foto: José Joaquim G. Melo

Inauguração da Energia Elétrica na Praça Municipal, em 1966

Pardo, fez um acordo com os grandes fazendeiros e com autoridades estaduais e conseguiu-se a instalação de alguns postes de luz na Praça Municipal. “Houve uma grande festa de inauguração da energia. Todos se reuniram para ver as luzes se acenderem. Dali pra frente, muita coisa mudou nas nossas vidas”, conta Joselina.

Fervilhavam discussões acerca da modernidade e de suas consequências, naquele momento, inclusive entre os agricultores. Cafeicultores e lavradores tradicionais diziam ser melhor usar a enxada, enquanto os agricultores

modernos apontavam a mecanização do trabalho de preparação do solo como solução eficaz para uma série de problemas enfrentados no campo, principalmente a partir do uso de arados. Um arado era capaz de substituir muitos trabalhadores e eliminava gastos relativos à moradia de colonos, e à imigração, diziam os favoráveis. Já os contrários à mecanização afirmavam que a redução do número de trabalhadores poderia causar problemas na colheita, que as máquinas poderiam se descontrolar ou que ainda não eram adequadas ao cultivo do café. Por outro lado, os trabalhadores temiam essa mecanização, pois perderiam seus empregos e a oportunidade de plantarem nas ruas dos cafezais. Era comum os trabalhadores aproveitarem as áreas livres entre os pés de café para o plantio de produtos para o seu próprio consumo, já que não possuíam terras. Em Espírito Santo do Turvo, no entanto, os agricultores gostavam das técnicas de plantio e colheita tradicionais, executadas com ferramentas manuais como a enxada, a foice, o machado e o tição. Eram usados para a derrubada das matas, para afogar a terra, carpir o mato invasor e nas demais atividades de plantio sem o uso de adubação e mecanização, como relata Necilda: “Não usávamos adubo e nem trator, tudo era feito manualmente, por isso o gasto com a plantação era mínimo e o lucro compensava

o trabalho. Foi assim que estudei meus filhos”. Necilda casou-se em 1957 e deu continuidade aos passos do pai. Sua casa foi construída no quintal da casa onde cresceu e ali mesmo cultivou, além das lembranças de seu pai, as terras que recebera de herança. Com seu marido dedicou-se sistematicamente ao cultivo de lavouras de milho e de algodão, e também à criação de gado de corte, tudo sem utilizar nenhum tipo de mecanização.

As indústrias cresceram de maneira muito significativa no estado de São Paulo, bem mais do que o crescimento registrado no setor no resto do país, e aquela concentração industrial só perdeu forças na década de 1970. Em várias cidades, as grandes chaminés foram modificando os cenários e a fumaça começou a encobrir as cidades modernas. Naquele período, a produção de açúcar voltou a se fortalecer, principalmente no estado de São Paulo, graças ao trabalho dos imigrantes e ao desenvolvimento industrial propiciado pela evolução da indústria metalúrgica. As usinas de cana-de-açúcar foram se modernizando e, a partir de 1930, iniciaram-se as pesquisas para a produção de cana-de-açúcar voltada à produção de combustíveis para motores de automóveis, visando diminuir a dependência do Brasil da importação de petróleo. Em 1975, foi implantado no Brasil o programa Próalcool

* A rodovia Castello Branco é considerada a principal ligação entre a capital paulista e o oeste do estado de São Paulo. Foi a primeira rodovia moderna do país, tendo sido iniciada sua construção em 1953. Foi traçada em linha reta, ao longo do caminho utilizado antigamente por índios e bandeirantes, para que o motorista tenha a visibilidade de 700 metros à frente, o que permite uma velocidade máxima de rodagem de 120km/h.

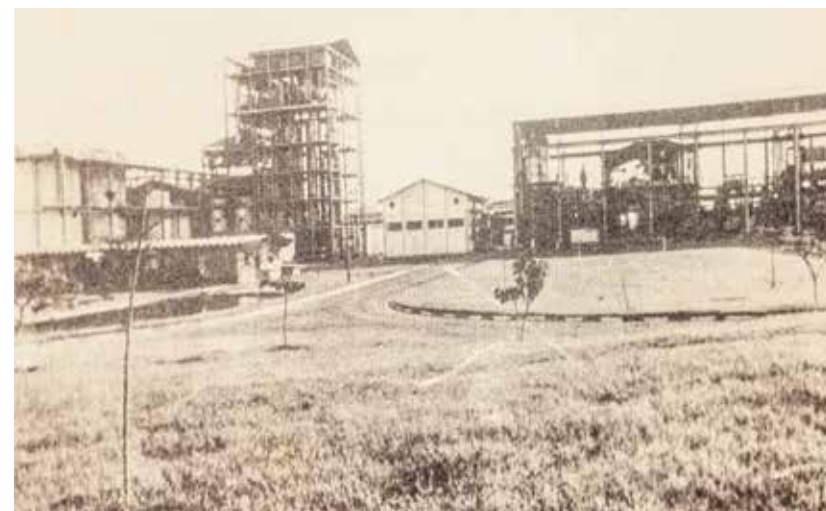
com o objetivo de fortalecer a produção de etanol e a expectativa de minimizar os problemas resultantes da crise internacional do petróleo. A partir daí, o governo investiu em tecnologias que pudessem tornar o etanol um substituto da gasolina. Com isso, financiou-se a construção de destilarias de álcool e incentivou-se a fabricação de automóveis movidos a álcool hidratado.

Também foi por volta de 1970 que o governo estadual começou a investir na interiorização da atividade industrial no estado de São Paulo, a partir da construção de modernas rodovias como a Castello Branco, a Imigrantes e a Bandeirantes. A rodovia Castello Branco*, com seus 315km de extensão, é a principal ligação entre a região metropolitana e o Oeste Paulista, pois inicia-se

nos acessos às marginais Tietê e Pinheiros, na capital, e termina no entroncamento com a SP 225, em Santa Cruz do Rio Pardo. Já a partir dos anos 80, iniciou-se uma preocupação maior com a pavimentação das rodovias vicinais, o que começou a facilitar o escoamento de toda a produção agropecuária e também dos produtos das agroindústrias. Os pequenos produtores do interior de São Paulo começavam a ser estimulados pela possibilidade de comercialização do que produziam.

A junção desses fatores logo passou a atrair os empreendedores e permitiu que os olhares dos grandes empresários se voltassem para o Oeste Paulista. Os agricultores da região de Espírito Santo do Turvo sentiam-se cada vez menos isolados e cada vez mais dispostos a investirem em seus negócios. A fertilidade da terra roxa característica da região e a extensão de suas propriedades atraíam empreendedores e, a partir de então, inicia-se a construção de uma indústria de grande porte no município. Essa empresa mudaria de vez a história do pequeno distrito.

Diante desse cenário, Espírito Santo do Turvo recebia a empresa que faria novamente seu nome ressoar nas estradas do sertão paulista. Impulsionada pela campanha nacional de incentivo ao financiamento de destilarias, a Usina Sobar, destilaria de álcool carburante anidro e



Usina Sobar instalada no município tem grandiosa estrutura industrial

hidratado, com a capacidade de produção diária de cerca de 500.000 litros, instalou-se nas terras arrendadas dos grandes proprietários da região e iniciou sua produção em 1978. Tornou-se uma das maiores destilarias autônomas do país sob a administração de uma sociedade e oferecia mais de 4.000 mil empregos diretos. Os olhares curiosos dos que habitavam aquelas paragens viam as moendas e caldeiras sendo montadas sob as faíscas das máquinas de solda e imaginavam o futuro promissor que a indústria poderia proporcionar. Cerca de 600 habitantes receberam a Sobar Álcool, em 1978, e dois anos depois, em 1980, a população do distrito de Espírito Santo já

era de 4.500 habitantes. Funcionários especializados vieram de longe, juntamente com técnicos experientes e equipamentos nunca vistos anteriormente, mas a mão-de-obra contratada era composta por moradores de toda a região, vindos de municípios como Ipaussu, Manduri, Cerqueira César, Chavantes, Cabrália Paulista, Agudos, Duartina, Piratininga e até de Bauru. “Disseram pra nós que tinha uma usina muito boa contratando. Meu marido estava desempregado nas fazendas de café, então não pensou duas vezes. Colocamos a mudança sobre a carreta de um caminhão canavieiro sem nenhuma proteção, e viemos de Cafelândia pra cá. Choveu muito naquele dia, perdemos muitos móveis por isso”, conta Teresa de Oliveira, uma das novas moradoras que conheceram o distrito por causa da usina de álcool.

Joselina, não conheceu a cidade por causa da usina, mas também relembra com orgulho da empresa que trouxe empregos para sua família. “Meu marido viu essa destilaria nascer. Foi o primeiro a trabalhar com máquinas lá. Mais pra frente, ele se tornou responsável por todos os tratoristas, que já eram 20 no total”, conta Joselina recordando que o emprego do marido complementava a renda de sua família. Eles viviam num sítio onde plantavam arroz e algodão. Ela trabalhava no controle,



Foto: Noticentro

Trabalhador rural, cortador de cana, na safra de 1992



Foto: Acervo Esturvo

Caminhão canavieiro da Usina Sobar, em 1986

realizava a tarefa difícil de registrar todas as atividades dos tratoristas, quanto tempo cada um trabalhou, onde trabalhou, que peças quebraram e precisaram ser trocadas, enfim, administrava esse setor, apesar de não contar nem mesmo com uma máquina de escrever, o que agilizaria os trabalhos. Terezinha Pereira Nascimento é outra moradora de Espírito Santo do Turvo que conheceu a Sobar em seus tempos áureos: “Eu fazia marmitas para os funcionários da administração na minha casa mesmo, porque no distrito não havia restaurante e nem hotel. Quando construíram a cozinha da usina e passamos a cozinhar lá, eu mesma chamei várias mulheres para me ajudarem”, diz Terezinha, ao enfatizar a importância que a nova empresa teve para os moradores, no que diz respeito ao reconhecimento social de toda a sociedade local. Afinal, houve oferta de empregos também para as mulheres, embora a maior parte da mão-de-obra empregada fosse masculina.

O distrito seguia vigorosamente naquele clima eufórico da industrialização, as pessoas reencontraram motivação para a retomada de muitas atividades e a juventude renascia, dava vida ao lugar que, alguns anos antes, equivalia a um cenário envelhecido e esquecido. Aos poucos, novas casas foram sendo construídas e o vilarejo começa a se expandir. “Surgiam mais e mais

moradores. Era uma casa aqui, outra lá. E a cidade começava a ter outra cara”, conta Wagner Guicho, o conhecido Guinchinho, filho do Sr. Lourivaldo Guicho, que também veio para a cidade ainda menino, após a ascensão da Usina de Álcool. E para animar a juventude, os tradicionais bailes, entre eles o de escolha das rainhas da primavera, aconteciam no Balancê Clube. “Minha mãe quase não me deixava ir, mas quando eu pedia com cuidado ela deixava. São lembranças maravilhosas, tudo acontecia com muita inocência”, conta Adriana Souza.



Foto: Acervo Esturvo

Seu Zé Pipoqueiro com seus bois. Nome bastante lembrado pelos moradores do distrito, principalmente pelos jovens, que lembram sua humildade e gentileza ao vender pipocas na porta da escola

Entre os nomes marcantes da época de distrito, está Seu João Rocha, empreiteiro do Sr. Mitsuan Sasaki. Conhecia – se não, todos – a maioria dos moradores de Espírito Santo do Turvo. Sempre humilde, preocupava-se bastante com a situação das crianças pobres do município, tanto que acabou “levando muitas delas para sua casa e cuidando como se fossem seus filhos”, como contou João Adirson Pacheco na Sessão Solene da Câmara Municipal, na qual o Seu João Rocha recebeu o título de Cidadão Espírito-santense. Outro nome conhecido por muita gente da cidade é o senhor Rubens Cequetti, que tinha satisfação em ver o brilho no olhar das crianças. Ele se empenhava para poder oferecer a elas tudo que não pode ter em sua infância e, quando se comemorava o Dia das Crianças, arrecadava salsichas, pães e refrigerantes e oferecia lanches às crianças do distrito. “O gosto daquele cachorro-quente era diferente, era único. Lembro do gosto até hoje e nunca encontrei nada igual”, diz Rosangela Cequetti, filha do Seu Rubens, que também se divertia junto às crianças que seu pai alegrava.

Os anos 1960 e 1970 foram marcados pelo início da modernização da agricultura brasileira, que impulsionada pelas mudanças econômicas decorrentes da crise do café causou também a expansão dos sistemas de arrendamento

* O conceito de arrendamento de terras foi definido pelo Estatuto da Terra, em 1964. Por esse meio, o proprietário da terra permite a exploração de certa área, a partir do pagamento de um aluguel, sem interferir na atividade exercida pelo arrendatário (contratante). Já o subarrendamento consiste no contrato em que o arrendatário transfere para outra pessoa, o seu próprio contrato de arrendamento.

e subarrendamento* de terras na porção Noroeste do Estado de São Paulo. Assim, a carne tornou-se um dos principais produtos geradores de renda bruta do estado, devido à crescente demanda das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. As regiões de Bauru, Araçatuba e Presidente Prudente se destacaram como grandes produtoras e também como centros industriais de carne, devido à proximidade com os centros de engorda de gado, que reduz os custos com o transporte dos animais de corte. Dessa forma, em Espírito Santo do Turvo as atividades de cria e engorda de gado bovino registraram um período de ótimos resultados nessa época.

E pela segunda vez, a partir da instalação da Usina Sobar, em 1978, a população do distrito vive um ciclo de expansão e

desenvolvimento, sendo a primeira na fase da rota tropeira. Com a usina, vieram trabalhadores de toda a região, tanto para a construção da Usina, quanto para a colheita e a moagem da cana e, com isso, a cidade atingiu a marca de 6.000 mil habitantes em 1988. Em consequência desse crescimento, aumentaram também as dificuldades relativas aos setores de transporte, da saúde e da educação. Ironicamente, Espírito Santo do Turvo passou a ser o maior distrito de Santa Cruz do Rio Pardo, com suas atividades econômicas representando um faturamento correspondente à 40% do Produto Interno Bruto (PIB) do município que, na época, era considerado um dos maiores do estado. A prefeitura de Santa Cruz ficava com toda a arrecadação de impostos do distrito, inclusive com os impostos pagos pela Usina Sobar, cujo faturamento era crescente. Diante das mazelas de uma população pobre e sofrida, a empresa oferecia atendimentos médicos, dentários, projetos sociais e acompanhamento das famílias, serviços que são lembrados como tendo sido muito importantes por aqueles que conheceram a destilaria de perto: “Trabalhei na usina por muitos anos, mas os melhores foram os anos da Sobar. Eles nos tratavam muito bem”, conta Seu Roberto de Oliveira. A cidade cresceu, mas com ela cresceram também os problemas



“Rua do Comércio” movimentada, durante os anos em que Espírito Santo foi distrito de Santa Cruz do Rio Pardo

sociais e o descaso da comarca com seu distrito. Ruas de terra, ausência de posto de saúde, de salas de aula, de agência bancária e de transporte coletivo mais eficiente eram apenas algumas das dificuldades enfrentadas.

Apesar de tudo, aquela vila ganhava ares de cidade grande. Seu comércio encontrava-se em crescente desenvolvimento, sendo responsável por cerca de 40% da arrecadação de ICMS, somando mais de 40 estabelecimentos instalados no município e a maioria da população trabalhando no local. Assim, Espírito Santo do Turvo já contava, naquele momento, com uma indústria de beneficiamento de cereais, uma serraria, dois

açougues, duas quitandas, bares, posto de combustível, oficinas mecânicas, venda de materiais para construção, uma farmácia, consultório odontológico, entre outros estabelecimentos. A partir dos anos 80, uma escola estadual foi instalada no próprio distrito e mais de 760 estudantes foram matriculados; a juventude começava a ter mais oportunidades. E como a escola estimula a busca por mais conhecimento e os conhecimentos alimentam ideias, não demorou e um grupo de amigos teve a ideia de reunir-se para formar uma associação para lutar por melhorias nas condições da vida no distrito. Assim, foi criada a Associação de Amigos de Espírito Santo do Turvo.

A noite já caía, era 9 de setembro de 1988. Lourivaldo Guicho, Antonio Ramos, Adelia Fernandes entre outros moradores, estavam nos fundos da casa do Sr. Antonio Ramos para iniciar a primeira reunião da Comissão da Associação de Amigos de Espírito Santo do Turvo, que começou despretenciosa, mas seria reconhecida, pela própria Prefeitura Municipal, como uma entidade de utilidade pública, anos mais tarde. Tinham apenas uma ideia na cabeça, a de que a união de pessoas com o mesmo objetivo era o caminho para se alcançar grandes transformações, inclusive as necessárias para sua pequena cidade. Segundo eles, o distrito precisava

respirar novos ares e resgatar a dignidade de seu povo. As reuniões foram sendo convocadas à medida que necessidades surgiam, visando a promoção de campanhas e a prestação de serviços, como visitas em domicílios com o acompanhamento de um dentista, vacinação de cães e entrega de presentes para as crianças no Natal. Mas, além de se dedicarem a algumas ações sociais, a associação também passou a fazer um levantamento dos problemas enfrentados pelos moradores do distrito, como a necessidade de uma agência bancária e a contratação



Foto: Noticentro

Primeira reunião da Frente Distrital Paulista, com a presença de representantes de Espírito Santo do Turvo

de mais médicos para a unidade de saúde. Com o passar do tempo, os associados perceberam que o distrito já estava pronto para ser independente de sua comarca e começaram a discutir a possibilidade de emancipação.

Foi em 1987 que representantes políticos de 11 distritos paulistas começaram a se organizar visando sua emancipação político-administrativa. João do Carmo conheceu essa organização, chamada Frente Distrital Paulista de Emancipação em Bauru, e não perdeu tempo em apresentá-la aos Amigos de Espírito Santo. Registrada em ata, a reunião do dia 18 de setembro de 1986, deixou decidido que a Associação de Amigos juntaria-se a Frente Distrital Paulista, enviando representantes para as reuniões e, assim, não mediria esforços para alcançar a emancipação que, segundo os associados, garantiria uma administração comprometida com os problemas sociais daquela população. Naquela data, iniciava-se uma corrente de amizade e determinação em busca da dignidade do povo Espírito-santense. Apoiados pela administração da Usina Sobar, porém sem recursos financeiros, contando apenas com as arrecadações das quermesses e doações, os amigos da associação foram de uma cidade a outra em busca do que fosse necessário para que aquele sonho, que havia se tornado o sonho pessoal de cada um, acontecesse.

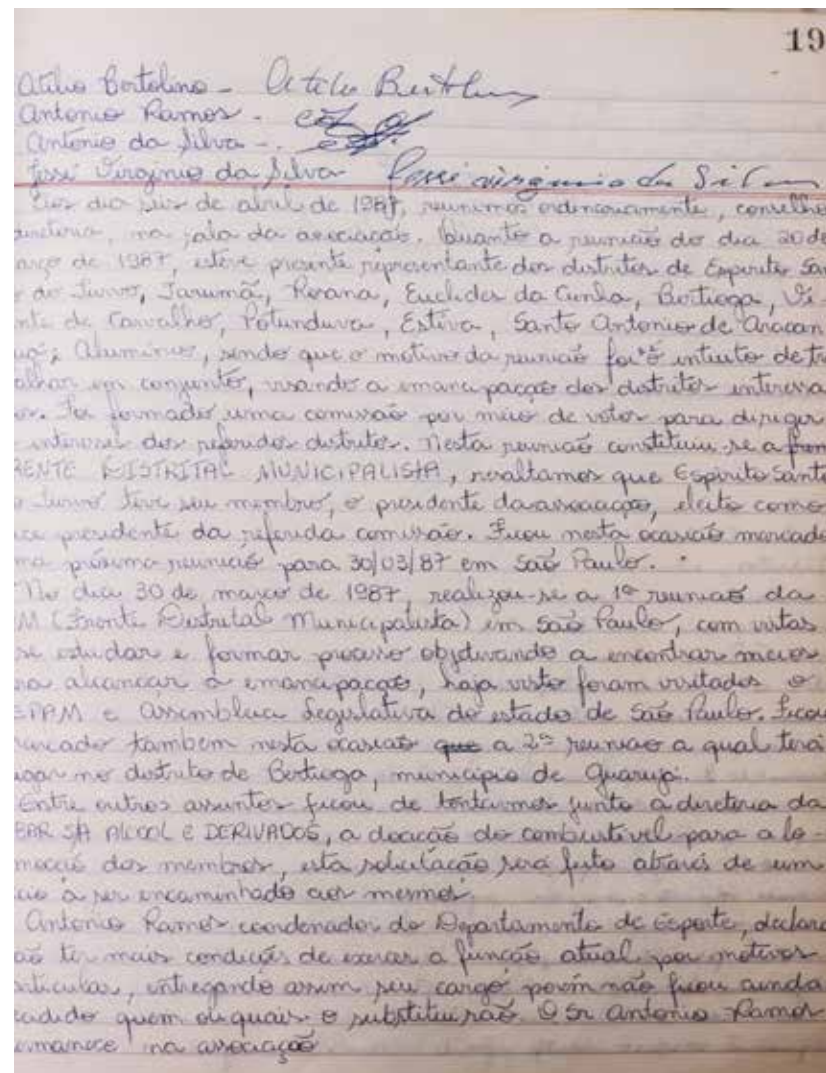


Foto: Geízi Polito

Ata da reunião da Associação de Amigos de Espírito Santo do Turvo, acerca da emancipação do distrito

Apesar de todo desenvolvimento e crescimento populacional do Estado de São Paulo, de 1967 a 1989, o estado permaneceu com os mesmos 571 municípios, devido aos impedimentos legais* para a criação de novas unidades administrativas. Porém, o povo já manifestava o desejo de emancipação, como ficava claro a partir de organizações como a Frente Distrital Paulista. “O fator principal para nossa emancipação, foi a derrubada daquela Lei que não permitia a criação de novos municípios. Só então pudemos trabalhar sem impedimento algum para a emancipação”, diz Antonio Quirino, que atuou junto a Associação de Amigos e foi eleito vice-prefeito, após a independência do distrito. Dessa forma, a Frente Distrital trabalhou com o apoio de deputados para a alteração dessa

* A partir da Lei nº 9.205, de 28 de dezembro de 1965, para que um distrito conseguisse sua emancipação era necessário ter uma população de 5 mil habitantes e 30 milhões de cruzeiros de renda mínima, o que era considerado um grande impedimento para os pequenos distritos. Após diversas mobilizações, a Constituição de 1988, permitiu que a criação de municípios fosse definida por Lei Estadual. Assim, em 1990, a Lei Complementar Estadual nº 651 definiu novas exigências para a emancipação distrital: um centro urbano constituído de mil eleitores, um pedido de emancipação formalizado na Assembleia Legislativa, um plebiscito popular e posterior aprovação do pedido na Assembleia.



Foto: Noricentro

Primeira reunião da Frente Distrital de Emancipação, em 1987

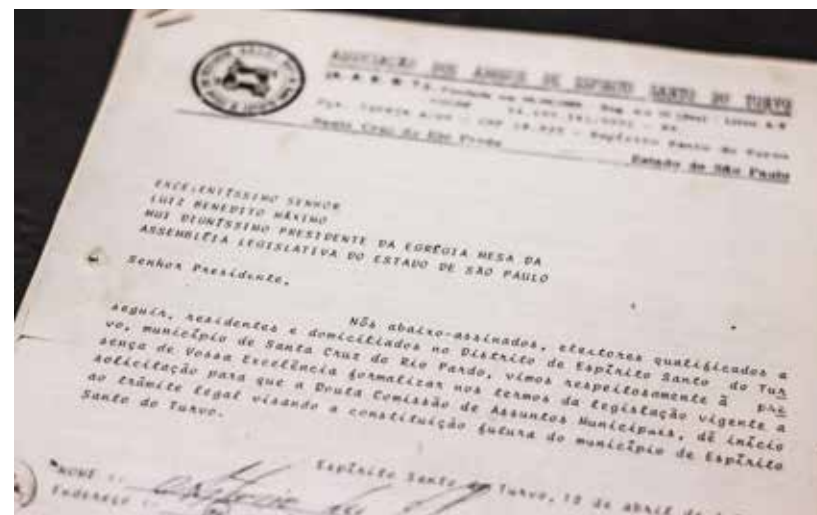


Foto: Geizi Polito

Abaixo-assinado usado na reivindicação da emancipação do município



Foto: Jornal Debate

Plebiscito foi realizado na Escola Estadual do município, com o apoio do Cartório Eleitoral de Santa Cruz do Rio Pardo



Foto: Jornal Debate

Antonio Quirino e Sergio Vilela comemoram a vitória do “sim”

legislação, gerando uma abertura na Assembleia para a criação de novos municípios. Para isso, com o intuito de mostrar a vontade popular, fez-se necessária a organização de abaixo-assinados nos municípios interessados, com o mínimo de 100 assinaturas, para que o projeto fosse encaminhado para a análise dos deputados estaduais na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Além disso, era necessário que fosse realizado um plebiscito, para que os moradores pudessem expor seu verdadeiro desejo de emancipação por meio de voto popular. Dessa forma, os Amigos de Espírito Santo iniciaram uma campanha para que os moradores conhecessem os benefícios que poderiam decorrer da emancipação e assinassem o abaixo-assinado, além de, posteriormente, votarem no plebiscito.

Em abril de 1988, o abaixo-assinado foi encaminhado à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, reunindo 107 assinaturas de eleitores devidamente cadastrados. Em seguida, conforme exigia a Legislação vigente, foi feita a pergunta “Deve o distrito de Espírito Santo do Turvo ser desmembrado de Santa Cruz do Rio Pardo, para ser elevado a município?”, no plebiscito ocorrido em 5 de outubro de 1989, quando votaram cerca 1.144 eleitores impelidos por sua vontade própria e pela esperança de que dias melhores alcançassem suas vidas. E naquele dia histórico,

o “sim” recebeu 1.035 votos, contra 90 votos para o “não”.

A cidade entrou em festa, mesmo antes da instalação de sua sede, conforme os registros do *Jornal Debate*. A partir de então, o distrito poderia tomar conta de seu destino e se “beneficiar dos frutos de seu próprio trabalho”, conforme o texto do ofício que acompanhou o abaixo-assinado.

E em 9 de janeiro de 1990, o distrito foi elevado à condição de município novamente, com a aprovação de sua emancipação política e administrativa. A nova sede foi instalada em 1 de janeiro de 1993, depois de sua primeira eleição para prefeito ser realizada em outubro de 1992.



“Gosto muito daqui. Eu posso sentar na praça e bater um papo a qualquer hora com meus amigos, porque eu conheço todo mundo. Cidade pequena é muito mais gostosa”.

(Antonio Quirino)

Era uma sexta-feira, 30 de julho de 1993, e no mais novo município da região era promulgada sua Lei Orgânica em Sessão Solene na Câmara Municipal de Espírito Santo do Turvo, sob a presidência de Clarindo Ferreira Bueno. Com a presença de mais de 300 pessoas foi recebido pela primeira vez em suas terras o antigo prefeito - Clovis Guimaraes Teixeira Coelho. “Foi uma noite de festa, parecia que estávamos iniciando um novo ciclo em nossas vidas”, conta Rosangela Melo, primeira funcionária pública do município, sendo registrada no quadro de funcionário da Câmara Municipal, pois era necessário que o Legislativo Municipal desse a posse ao novo prefeito.

A partir dali, Espírito Santo do Turvo seguia seu caminho como município independente. Seu primeiro prefeito foi eleito em 1992, o jovem Sérgio Vilela, que era muito querido no município e conheceu a cidade ainda quando a Sobar começava a funcionar suas caldeiras. Na usina, ele trabalhava como diretor agrícola e, desde então, aquele jovem visionário apaixonou-se pelo pequeno município e lutou como membro da Associação de Amigos pela Emancipação. “O Sérgio era uma pessoa fantástica, muito sonhadoreinfluentenaregião”, lembra Nelson Nascimento.

As propriedades rurais continuavam sendo os locais que ofereciam empregos no município. O número dos pequenos agricultores aumentava, porém, com a entrada em funcionamento da usina de cana-de-açúcar a maior oferta de empregos ainda era a da indústria de açúcar e álcool. O escritório da Sobar e a Conih, uma construtora de imóveis local, disponibilizavam muitas vagas para trabalho aos jovens e logo que o telefone chegou à cidade, por volta de 1990, passaram a oferecer empregos também para as adolescentes. “Minha filha Eliane trabalhou como telefonista desde os 13 anos, depois ela foi para o escritório da usina”, lembra Dona Terezinha Nascimento – esposa de Pedro Nagib, dono do armazém – ao falar sobre a saudade que sente da animação da cidade na época.



Foto: Jornal Vento Forte

Produtores rurais reunidos para um treinamento, em 1994

Das famílias que residem hoje em Espírito Santo, a maioria vive ali desde quando a cidade tornou-se município pela segunda vez. Ao longo desses anos, muitos foram os acontecimentos e as pessoas que marcaram o imaginário dos moradores desse jovem município. Um personagem inesquecível dessa história foi o seu Agenor, motorista do ônibus de estudantes, que permanece vivo nas lembranças dos que estudavam fora da cidade àquela época, e a maioria também se lembra das festas do Peão de Boiadeiro, que tornaram-se tradicionais em Espírito Santo do Turvo. As pessoas participaram animadas das três primeiras versões, realizadas em 1990, 1991 e 1992,



Festa do Peão de Boiadeiro, em 1995

por saberem que a renda daqueles eventos seria revertida para a construção da quarta igreja matriz. Depois disso, a festa, sempre muito esperada pelos moradores, continuou acontecendo ano após ano, reiterando a tradição agrícola e pecuária da região e chegando a reunir cerca de 20 mil pessoas em uma de suas edições. Entre as atrações, em meio à alegria daqueles verdadeiros encontros sociais prestigiados pela sociedade local, haviam rodeios e shows de paraquedismo que encantavam a todos. Após a construção da igreja, idealizou-se que a renda obtida passaria a ser destinada à construção de um recinto próprio para a festa, mas esse sonho ainda não se concretizou.



Moradores da cidade cultivavam hortas para consumo e venda

Com a movimentação das cidades, novas oportunidades surgiam para quem cultivava terras, principalmente para os que praticavam a agricultura familiar. A oportunidade de estar perto dos consumidores, que então já se reuniam no centro da cidade, fez com que os produtores rurais organizassem feiras para vender seus produtos. Com isso, podiam oferecer os produtos que cultivavam e evitavam dividir o lucro com os donos das vendas. Era uma novidade para a cidadezinha. Ali vendiam-se mandiocas, frutas, verduras e legumes e, com o tempo, os pequenos produtores fundaram a Associação de Pequenos Produtores para compartilharem



Foto: Vento Forte

Estufa de pimentões do Sr. Eduardo Bernardino

experiências e encontrarem juntos soluções para os seus problemas, como a divisão do custo com o transporte das mercadorias para reduzir as despesas de cada um. Naquele momento, por volta de 1995, iniciavam-se as produções sob estufas no município, nas plantações de pimentão e pepino que pertenciam ao Seu Eduardo Bernardino, o primeiro a utilizar estufas na cidade. Ainda assim, as lavouras contavam, na maioria das vezes, apenas com a mão-de-obra das famílias proprietárias das hortas, devido ao alto custo do transporte da produção agrícola.

Quem vê a cidade do alto percebe com facilidade que sua característica mais marcante é a área de pastagem, são as

grandes propriedades de engorda de gado, pois a pecuária de corte continuou tendo um papel significativo na economia do município. O abate dos bois foi realizado por muitos anos nas mangueiras, ou currais, particulares, nas próprias fazendas e boa parte da venda era feita nos armazéns da cidade. Com isso, em 1995 foi inaugurado o Matadouro Municipal com o objetivo de padronizar os cuidados relativos aos cortes das carnes e à higiene dos animais e das instalações, porém, no mesmo ano, todos os matadouros particulares foram interditados por uma lei nacional.

Em 1995, a cidade tinha uma área de 185 km² e cerca de 3500 habitantes, mas já tinha ares de cidade



Foto: Vento Forte

Prédio do matadouro, construído para atender a demanda municipal



Foto: Jornal Debate

Novo prédio da Delegacia de Polícia, inaugurado em 1994

dona do seu próprio nariz, com ruas pavimentadas, escola, posto de saúde, delegacia de polícia, iluminação pública e esgoto encanado, além de sediar várias organizações sociais que uniam os moradores. A vida seguia cada vez mais confortável no município até que um acontecimento trágico marcou, e para sempre, não apenas o terceiro aniversário da cidade, como toda a sua história. Durante as festividades em comemoração do aniversário do município, no dia 5 de novembro de 1995, o prefeito Sérgio Vilela Pinto morreu em um acidente automobilístico, na rodovia SP 225, o que deixou a cidade em choque. Os habitantes não conseguem esquecer

daquele dia, têm o ano de 1995 como um momento muito triste e repleto de comoção e incredulidade. Pelo que quase todos contam, cerca de 3500 pessoas acompanharam o funeral do prefeito, realizado na igreja matriz. Sérgio foi descrito nos jornais da época como um dos poucos líderes políticos que surgiram na região e dono de uma carreira política meteórica, além de ser bastante conhecido nos círculos políticos do governo, devido à sua vitória com 87% dos votos na eleição em que se elegeu em 1992. Foi a maior votação da sub-região de Ourinhos.

Os anos seguintes foram marcados pela adaptação da



Foto: Jornal Debate

Funeral de Sergio Vilela Pinto, prefeito eleito em 1992, para conduzir a independência do município, depois de 50 anos como distrito

administração municipal e da própria população. Ninguém estava preparado para a ausência do jovem prefeito. Quem assumiu o Poder Executivo foi o seu vice, o Sr. Antonio Quirino, que afirma “não ter tido dificuldades durante seu governo” por ter feito “tudo com muito amor e dedicação, principalmente depois da morte do Sérgio”. O primeiro bairro construído em Espírito Santo foi o Jardim Canaã, também em 1995, e desde o início já contava com 245 casas, simbolizando um crescimento real para a cidade.

Seis anos mais tarde, em 2001, os espírito-santenses viram mais de 70 famílias realizarem seus sonhos de



Foto: Vento Forte

Vista aérea da cidade, a partir da inauguração de seu primeiro bairro



Foto: Geízi Polito

Placa de inauguração da primeira parte do bairro Jardim Canaã, recém colocada. O bairro foi construído em duas partes, sendo a primeira, chamada inicialmente de Vila Dr. Nelson Lourenço Camolesi, em homenagem ao primeiro dono da Usina Sobar

autonomia com a criação da Fazenda Agrovida Terra Nossa. Esse foi o primeiro projeto de reforma agrária no município, com o qual foi distribuída uma área de 42,4 alqueires de terras, por meio do Programa Banco da Terra. O clima era de muita felicidade quando as 74 famílias sentiram que poderiam realizar seu sonho de cultivarem suas próprias terras. Assim que se instalaram, formaram lavouras, hortas e cultivaram os lotes coletivos que foram destinados à plantação de cana de açúcar, à criação de gado leiteiro, de suínos e de frangos. Essa conquista foi possível graças à organização dos trabalhadores



Foto: Vento Forte

Inauguração do Banco da Terra, na presença das famílias beneficiadas

e às ações da Associação dos Produtores Rurais.

Por volta de 1999, a crise financeira que paralisou o país interferiu também nos negócios da Usina Sobar, e não só a usina experimentou uma fase difícil como toda a cidade enfrentou uma situação de incerteza, já que boa parte da renda do município dependia diretamente da arrecadação da indústria. A partir daquela recessão vivida no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, a situação financeira da Usina nunca mais foi a mesma. Em 2002, a Justiça do Trabalho realizou uma intervenção na empresa e a indústria passou às mãos do Banco Rural, com o qual o grupo Petroforte – gestor da usina – tinha uma dívida de

aproximadamente 24 milhões de reais. A partir de 2003, a Agroindustrial Espírito Santo do Turvo Ltda., a Agrest, empresa criada pelo Banco Rural deu continuidade às atividades da indústria. No entanto, apesar desse aparente esforço pela manutenção do vigor de produção da usina, em 2008 a Agrest também foi integrada à massa falida da Petroforte, que reivindicava a posse da empresa no Judiciário apesar da Justiça do Trabalho tê-la transferido para o Banco Rural. Esse processo judicial foi um dos maiores relativos à falências no Brasil. Assim, em 2013, a então Usina Agrest fechou suas portas e demitiu quase dois mil trabalhadores. A redução da arrecadação de impostos caiu quase 30 % e instaurou-se o caos social em Espírito Santo do Turvo. Era, definitivamente, o fim do apito da usina que, por tantos anos, embalou os sonhos de muitos espírito-santenses. O tradicional apito não podia mais ser ouvido pelas ruas da cidade e a tristeza e o silêncio tomaram conta daqueles dias de desespero. Centenas de famílias precisaram buscar novos horizontes.

As atividades agrícolas, mais uma vez, mantiveram o fôlego da ofegante cidadezinha que, guerreira, assistia novamente a desaceleração de seu crescimento e a redução de sua população. Empresas produtoras de sucos de laranja, como as multinacionais Citrosuco e Citrovita, já



Foto: Geízi Polito

Placa de informações nas antigas instalações da Usina de Açúcar e Alcool



Foto: Geízi Polito

Máquinário da antiga Usina em estado de abandono

havam se instalado no município a partir dos anos 2000, e garantiram a renda de cerca de 1000 trabalhadores. Hoje algumas fazendas contratam empregados para a colheita da nóz macadâmia, para a colheita de melancias e para as criações de bicho-da-seda, além de uma granja produtora de aves. E assim, o pequeno município segue às margens das principais rodovias do estado, mantendo suas características agrícolas e pecuárias com base na arrecadação vinda do comércio. Além disso, as contribuições financeiras vindas dos impostos pagos pelos moradores e pela Concessionária Auto Raposo Tavez, a Cart, empresa responsável pela administração das rodovias do corredor Raposo Tavez, são fatores importantes na manutenção da economia da cidade. Em 2017, a rodovia João Batista Cabral Rennó, a estrada que passa “na porta” de Espírito Santo do Turvo, foi duplicada em quase toda a sua extensão, o que melhorou a eficiência do intenso transporte de mercadorias produzidas na região.



*Sempre
no vaquear
do Turvo*

Espírito Santo do Turvo ainda é um município “jovem” que nos últimos anos teve sua economia drasticamente abalada. A falência da usina de açúcar e álcool e o fim das safras de cana desestruturou totalmente a cidade. Centenas de famílias viram-se sem rumo e a população recomeçou sua vida, sempre dependente de atividades agrícolas e pecuárias. Ainda assim, as pequenas lavouras e as agroindústrias processadoras de laranjas continuam mantendo, embora num andamento mais contido, o desenvolvimento do município, que segue seus dias de forma tranquila, como uma típica cidade do interior. As águas do rio Turvo vagueiam entre solos férteis.

O intuito deste livro-reportagem foi registrar a importância da agropecuária e das atividades econômicas rurais para a manutenção e desenvolvimento dessa pequena cidade, cujos moradores não escondem que moram ali por sua própria escolha, e que escolheram Espírito Santo por amarem o rio Turvo, o solo rico, a região, suas paisagens e o clima harmonioso que envolve a cidade.

Tendo sido, a princípio, ponto importante de rota tropeira, o pequeno vilarejo soube corresponder aos anseios daqueles que desejaram encontrar em suas matas as vidas que buscavam. Sempre hospitaleiro, o povoado soube acolher os imigrantes que vieram em busca dos sonhos

prometidos na Terra do Pau-brasil. Da mesma forma, atendeu as expectativas dos industriais que ali buscavam a modernização. Hoje, acompanhando o vaguear da agricultura, acolhe a todos que se aconchegam em suas ruas estreitas para ali comporem cada um sua própria história.

Aguas Turvas

Espírito Santo do Turvo, nasceu ao longo de grandes extensões de terras às margens de um rio conhecido como Turvo, como em um verdadeiro encontro entre terras e águas boas. Foi às suas margens que se desenvolveu um povoado movimentado pela passagem de tropas e carros de boi que ali faziam suas paradas.

Esse livro-reportagem reúne de maneira cuidadosa, com base em relatos de moradores e em pesquisas documentais, todas as informações que se conseguiu coletar ao longo de três meses de pesquisa, com o objetivo de registrar uma parte dessa história, até os dias atuais.